

**VOLUME 3**  
**VIAGEM À COSTA LESTE - 2ª PARTE (PERNAMBUCO)**  
**19/11 a 23/12/1859**

**INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II**

**19 de novembro de 1859**

Saímos do Paço na Bahia <sup>001</sup> às 11, acompanhados de bastantes senhoras e número infinito de homens. Custava a romper por entre o povo, que não cessava de dar vivas. Ao chegar ao embarque, o Muniz Barreto <sup>002</sup> repetiu a poesia que junto; comoveu a todos sobretudo pelo modo porque a recitou. O Pessoa repetiu uns versos fracos, e o Portela ia causando motim com suas repetidas exigências; por parte do povo, para que eu promettesse voltar à Bahia; por fim cansou, e o Almeida Pereira e o arcebispo disseram-lhe que estava procedendo inconvenientemente. Ainda houve muitos vivas e acenos de lenços, e o Apa largou ao meio-dia e meia hora.

Fomos andando devagar por causa dos outros 2 vapores, mas passei o dia sem incômodo, deitando-me na baiúca, por cautela.

**20 de novembro de 1859**

Enjoei ao levantar-me, tendo dormido na câmara onde os balanços do Apa, que foram fortes durante a noite, se fazem mais sentir. Subi cedo para a baiúca. Entre 6 e 6 ½ avistou-se o Cruzeiro do Sul.

Almocei com vontade. 11 e 25 – bergantim brasileiro, que embandeirou e parece vir do rio de São Francisco.

4 horas – vamos andando 6 ½ milhas. Desde manhã que se não vê costa, que se acha a cerca de 20 milhas. Quase todos têm enjoado, até o capitão-tenente Bricio <sup>003</sup>, o cirurgião Pedroso <sup>004</sup>, que tem de embarque 9 anos, e o tanoeiro de bordo.

**21 de novembro de 1859**

Descendo a noite passada, enjoei bastante. Subi cedo. 5 ¾ – barreiras de São Miguel, a 21 milhas.

7 ½ o Belmonte <sup>005</sup> obtém licença para arribar a Maceió e tomar carvão, que só tem para 4 horas, pois o fornecido pelo contratador na Bahia, foi péssimo.

8 e 23 – altura de Maceió.

9 menos 6 – saí da baiúca e tornei para ela, onde me conservo deitado, depois de ter avistado Maceió, cujas torres da Matriz e do farol se descobrem facilmente.

9 e 10 – navio e jangadas longe ao mar.

10 menos 10 – um vapor que pareceu o Pedro II, em bandeiras dentro do porto de Maceió, e uma bateria salvou; vi a cidade muito distintamente.

12 ¾ – Camaragibe; 3 ¾ – Porto de Pedras – 65 milhas de Pernambuco; 5 ½ – Barra Grande; 7 menos 20 – fui ver o efeito, que era belo sobre as nuvens, duma queimada na direção de Tamandaré; havia mais duas menores, estamos a 45 milhas de Pernambuco, onde espero fundear de 2 para as 3 da madrugada.

**22 de novembro de 1859**

Dormi na baiúca até me chamarem à 1 e 40 para ver as luzes da cidade do Recife, que se levantavam progressivamente das ondas.

2 e ¾ fundeamos no Lameirão, porque não é prudente entrar sem práctico; o Apa joga sofrivelmente. Desci para dormir na cama mesmo vestido, como estava, até as 5 ½ quando subi, e às 6 com o piloto-mor <sup>006</sup> largou o Apa do Lameirão.

A vista de Olinda e do Recife é muito bela, e deixando à esquerda o baixo do inglês e o farol que é pequeno e de refletores, viemos fundear às 6 e 25 defronte da torre do observatório do Arsenal de Marinha, que chamam aqui de Malakoff, e sobre a coroa de areia, onde deve trabalhar a 2.<sup>a</sup> máquina de escavação, que já está quase pronta, para que o porto possa dentro de 2 anos permitir a entrada a navios do calado dos vapores da carreira de Southampton.

O Recife, que muito se tem alterado artificialmente, resguarda inteiramente o porto do embate das ondas do Lameirão, ainda que muitas vezes elas o estejam galgando.

Já tomei algumas informações a respeito do melhoramento do porto do Inspetor Eliziário <sup>007</sup>, mas é assunto sobre que indicarei minhas [sic] depois de o haver estudado tanto quanto me for possível.

O desembarque teve lugar às 11 horas numa bela das rampas de madeira feitas de propósito, que conduziam a um pequeno pavilhão onde bejei o crucifixo nas mãos do bispo <sup>008</sup> que não achei muito mudado para a idade, tendo havido um pequeno discurso, seguindo para outro maior no largo do Colégio, onde respondi ao discurso da Câmara Municipal <sup>009</sup> custando a romper o povo que era imenso e possuído [de] não menor entusiasmo, que na Bahia.

Fui logo para a Igreja do Colégio, onde ouvi um sermão meio político do padre Campos <sup>010</sup>, que rebateu as exagerações da propaganda descentralizada, não me parecendo mau em geral, apesar de durar  $\frac{3}{4}$  de hora e depois um Te-Deum de 1 e  $\frac{1}{4}$  de hora cuja música em geral foi a melhor, que ouvi em igreja depois que saí do Rio.

A Igreja do Colégio foi construída no ano de 1689, sagrada em 17 de dezembro de 1690, havendo um frontispício e capela ao lado esquerdo da Igreja a era de 1708, e reconciliada em 8 de setembro de 1855. Por ocasião da extinção ficou sendo próprio nacional, e servia de cavalaria, teatro e casa de baile, sendo reparada finalmente para seu destino primitivo e muito decentemente pela irmandade do Espírito Santo. Estava bem armado o altar-mor e o trono tinha imensas luzes.

Vim para o palácio pelas ruas do Colégio e Cadeia, que parecem seguir-se em linha reta e atravessado imenso povo que me dava vivas, assim como todas as pessoas que atapetaram as janelas de casas de 3 e 4 andares, e notei o pouco calçamento que há apesar do imposto, atribuindo o presidente da Câmara <sup>011</sup> a falta de calçamento que é quase geral, a desleixo. A poeira era muita, assim como o calor, apesar de ao terral seguir-se aqui a viração desde 10 às 11 o mais tardar, e admirou-me ver como cerca de 80 senhoras das principais da terra acompanharam a imperatriz, desde o desembarque até a Igreja e o Palácio, onde assistiram o cortejo.

Depois passou a Guarda Nacional da cidade em continência, que era pouco numerosa, mas bem arranjada, não aparecendo segundo me disse o Boa Vista, porque não havia alfaiates para lhes fazer os uniformes.

O jantar teve lugar às 5, e depois tenho descansado, conversado com diversas pessoas e aparecido à janela ao povo na praça. Há pouca gente de cor muito escura, e o povo me parece mais sério que o da Bahia, apesar de todo o entusiasmo.

Do meu quarto há uma linda vista para o lado de Olinda e Beberibe, e creio pelo que já vi no Barlaeus que está situado no mesmo lugar da casa do conde de Nassau, que soube escolher a sua residência.

A cidade é muito bem situada, e as casas iluminadas sobre os rios que contornam a ilha de Santo Antônio, antiga Mauricea, propriamente dita, e primeiramente Ilha de Antônio Vaz, dão-lhe o aspecto, em ponto pequeno, do que imagino será Veneza.

Sinto-me cansado principalmente da vida de bordo, ainda ... que nunca seria bom marinheiro.

O palácio está muito bem arranjado <sup>012</sup> apreciando sobretudo uma excelente banheira; ao pé da casa também se prepara um banheiro no rio; mas por cautela não tomar banho lá.

Na rua do Colégio defronte da tipografia do “Liberal Pernambucano” <sup>013</sup> há uma iluminação com as seguintes inscrições: na frente, dum lado, Viva D. Pedro II e baixo 23 de julho; e do outro, Viva o Povo e baixo 21 de novembro, e nas bandas duma: Todos os poderes são delegações da Nação, depois indicando o artigo da Constituição, e do outro: Todos são iguais perante a lei e o artigo constitucional também apontado; houve muitas vivas partidas das janelas dessa casa.

### **23 de novembro de 1859**

Fui às 6  $\frac{1}{2}$  visitar o Arsenal de Marinha <sup>014</sup>. Uma rua separa-o em dois, e cumpre remediar quanto antes esse mal.

A oficina das máquinas, movida por 8 cavalos de vapor de baixa pressão, aprontando-se outra de 12, de alta pressão, com três pequenos cilindros, muito engenhosamente dispostos com as outras peças, e ocupando diminuto espaço; é melhor que a do Arsenal da Bahia, havendo 2 belos tornos entre outros, um para bloquear e outro servindo para abrir parafusos de roscas de diversas dimensões.

Há uma fundição pequena podendo o forno conter mil libras de metal e fazendo obras de ferro e de bronze; mas está se trabalhando num belo edifício para uma boa fundição, assim como noutra para as forjas, que se acham em número, creio que de 12, na casa da atual fundição.

A casa de modelos ainda é pobre. As oficinas de carpinteiros e poleiros são miseráveis, e notei que na primeira se estivessem ocupando do arranjo de um teclado taquigráfico para um padre que se apresentou ao presidente da província

como inventor; tenho já na Bahia um certo Amando Gentil me falado em igual invenção, sua de que me apresentou um desenho.

Há duas boas carreiras, uma delas a menor de 1851, inspetoria de Rodrigo Teodoro de Freitas, de pedra, tendo uma dois iates, e um quase pronto de 130 toneladas, sendo o outro de 90, podendo-se construir um navio de 1000 toneladas; e a outra 6 batelões em obra para a barca de escavação, que pode conter ...  $\frac{1}{2}$  braças cúbicas de entulho, trazendo os 50 baldes ou alcaruzes, 25 de cada lado, em cada volta de 4 minutos  $\frac{1}{2}$  braça cúbica de entulho, estando já quase pronto todo aparelho; encomendaram-se mais 3 batelões, e deve completar-se o número de 12.

Existem 3 guindastes, um de levantar 400 arrobas e duas caldeiras, que quase sempre dão entrada aos botes e escaleres servindo, para a Capitania do Porto policiá-los, num deles para o lado dum ângulo reentrante estava anteriormente colocado no Forte do quebra-pratos, cujas salvas fraturavam vidros e louças das casas vizinhas.

No seguimento do cais do Arsenal, há um trapiche que avança para o mar, e ainda se não demoliu apesar da manilha ter sido concedida com a condição de o ser quando fosse preciso e depois o do Argolo que estreita o porto, que já não é largo.

Os menores estão muito mal acomodados, e os alimentos não são em geral, de boa qualidade, e disseram quando eu assistia ao almoço que o café não era sempre assim; a ração pareceu-me suficiente.

Fizeram exercícios de ginástica menos mal e vi desenhos de alguns bem-feitos, tencionando assistir aos exames de geometria aplicada às artes e mecânica, à física, química, onde disse o Eliziário que os rapazes têm feito progressos principalmente nas primeiras matérias.

Têm alguns instrumentos de física e química que o inspetor tem podido ajuntar, e um gasômetro em miniatura onde tem preparado o gás da turba de Maraú.

Em 1<sup>as</sup> letras estão atrasados, os que interroguei, e o professor pareceu-me mau, não sabendo apesar de padre corrigir as respostas dos rapazes em doutrina cristã, nem perguntar-lhes.

O almoxarifado <sup>015</sup> que fica para o lado da rua oposta ao mar, está bem arranjado e os gêneros para a marinagem, exceto o café, pareceram-me bons. Há 6 mil paus de sucupira bem arranjados, tendo de idade de corte termo médio 4 anos. Há outras madeiras em número muito menor. Não há ainda companhia de artífices.

A torre do observatório <sup>016</sup>, onde estão a secretaria e o arquivo da Inspetoria e os papéis e lugar de despacho da Capitania do Porto, para que se está fazendo agora uma torre diagonal numa das extremidades do Arsenal perto dumas caldeiras, tem 93  $\frac{1}{2}$  pés ingleses acima do nível médio da superfície do mar; e sobe-se até a cúpula por 138 degraus.

Não há bastante estabilidade para as observações de precisão, mas serve para as marítimas, possuindo uma pequena luneta meridiana, um teodolito, e um pequeno circulo que estava dentro de uma caixa. Vi um pluviômetro, um termômetro bom de máxima e mínima, e uma agulha de declinação curiosa por ter sido feita em 1754 em Portugal, com pinturas de gosto antigo no circulo de papelão que indica os rumos.

A melhor estrela daqui para se observar, segundo ouvi ao Eliziario, é Fomalhat. A cúpula é girante; sendo necessário empregar alguma força e tem uma fresta de fechar e abrir.

Nas paredes da cúpula há escritas L. S. 8 graus 3 minutos 40 segundos; Lg E do Rio 8 graus 7 minutos 50 segundos; L O Gw 34 graus 52 minutos 10 segundos.

Há na torre um bom relógio, e cujo martelo que toca o sino das horas ao levantar faz cair um balão ao meio-dia em ponto. Pedi ao Inspetor uma informação a respeito das necessidades do Arsenal.

Depois do almoço fui ver o Hospital de Caridade, recolhimento dos Órfãos e expostos. O monsenhor Moniz Tavares <sup>017</sup> que superintende os estabelecimentos de caridade acompanhou-me.

O Hospital ainda está, com 117 doentes agora, muito acomodado numa casa particular, ainda que 6 Irmãs de Caridade o tragam tão limpo quanto é possível; a roupa de cama muda-se de 10 em 10 dias em geral por causa da lavagem a léguas de distância. O novo hospital <sup>018</sup> é obra magnífica, e o desejo de aproveitar o que já está feito para o baile, por ocasião de minha visita à Província, fez com que a obra se adiantasse bastante, ao menos o baile foi aqui útil, ainda que indiretamente.

Pretendem fundar o Asilo de Mendicidade num dos aposentos térreos do Hospital; mas creio que melhor se empregaria o dinheiro da subscrição em dar incremento ao Hospital.

A vista que se goza do segundo andar do Hospital, cuja ala da frente é que já está quase pronta, é muito bela, porém nem tanto como a torre do observatório.

O recolhimento dos órfãos em 23 de fevereiro de 1847 sob a presidência do Chichorro tem edifício muito acanhado para 80 meninos, que me pareceram pouco adiantados na instrução. Vi trabalhos de mão bem-feitos. Comida boa, mas insuficiente. Camas muito unidas. Tem 6 Irmãs de Caridade que dirigem o estabelecimento. Mau cheiro junto a um quarto, usando-se de cubos de pau como na Enfermaria da Marinha, que é bastante acanhada, e cujo serviço consta da informação do diretor que vai junta.

Os expostos estão perto do quartel da polícia que o devassa, assim como uma casa que é patrimônio seu; mas está ainda alugada, tencionando aproveitá-la desde que termine o tempo de aluguel.

As meninas, não vi meninos, começaram há 4 meses a ser dirigidas pelas Irmãs de Caridade, e apenas algumas lêem sofrivelmente. Há pequenos trabalhos de mão já feitos. O médico disse-me que a mortandade dos expostos é de 50%. Criam-se fora e dentro do estabelecimento, mas são recolhidos logo que chegam aos 7 anos. Os meninos são mandados para o Arsenal, creio que de Marinha, aprender ofícios, e por isso talvez não os visse.

O estabelecimento tem demanda com os herdeiros do Morgado <sup>019</sup> que pretendem, sem razão conforme diz o Moniz Tavares, reaver o terreno e edifício da casa dos expostos; contudo já se fala de composição pecuniária.

Entre 5 ½ e 6 fui passear pela estrada de Apipucos onde há diversas chácaras muito bonitas, com belos coqueiros e casas, distinguindo-se entre estas a do Beberibe <sup>020</sup> hoje de Augusto de Oliveira, e sobretudo de um inglês Gibson <sup>021</sup>, segundo ouvi, figurando um castelo gótico, é de muito bom gosto e estava muito bem iluminada quando voltei, pouco para cá da Casa-Forte; hei de ir ver esse lugar histórico, assim como gozar da bela vista de Apipucos no domingo antes do almoço.

#### **24 de novembro de 1859**

Às 6 e tanto fui ver a fábrica do gás. É importante e colhi as seguintes informações: Faz 120.000 pés cúbicos em 24 horas enchendo as 60 retortas 6 vezes e gastando 7 toneladas de carvão de pedra. Começou a funcionar a 26 de abril deste ano e o regulador mostra que já fabricou 8 milhões e 600.000 pés cúbicos de gás. Purifica com cal preta e também com éter misturado com serradura, tendo 4 purificadores; mas o gás tem ordinariamente bem mau cheiro quando arde. Tem 2 gasômetros cada um com a capacidade de 120.000 pés cúbicos; mas o vento norte estragou um deles no dia 13 de agosto deste ano, chegando a deitar abaixo um grosso pilar de alvenaria, é verdade que em terreno arenoso. A pressão ordinária do gasômetro é de duas polegadas de água no manômetro. Tem 3 máquinas de vapor de 6 cavalos cada uma, revezando-se duas para fazer vácuo, e obrigar o gás a atravessar os rolos dos purificadores e a outra para elevar a água que condensa o alcatrão, que se obtém na quantidade de 10 libras por cada tonelada de carvão consumido; vende-se por muito menor preço do que é ainda cozido. Já há 180 lampiões na cidade acesos, e 300 casas já têm gás; porém os lampiões são pouco elegantes, e vi alguns de haste de madeira.

Depois visitei a Casa de Detenção <sup>022</sup> que é uma bela obra. Já tem a muralha exterior pronta com passeio por cima e guaritas para as sentinelas e dois torreões, onde se conservam os presos, que entram depois das 6 da tarde. O raio do norte está pronto servindo para os detentos, os pronunciados e os sentenciados, tendo visto eles o célebre Tomás Gouvêa, que matou um caboclinho que o acompanhava por não ter a quem matar. É de feia catadura, e conserva na face esquerda a cicatriz de bala que lhe quebrou os ossos da cara quando o foram prender.

As celas chegam a ter 12 presos; há água em todas, menos nas solitárias, vindo de 2 tanques, que se enchem por meio de bomba.

Existem banheiro para os presos e empregados, parecendo-me tudo bom menos as varandas para os guardas vigiarem por defronte das celas; e a alimentação que não é boa nem suficiente; as celas das presas defronte das dos presos e a enfermaria onde há bexigentos no mesmo raio dos presos, aparecendo bexigas desde que algum é vacinado, conservando-se na prisão, assim como os loucos.

Ainda não tem altar para os presos ouvirem missa, apesar de requisitado há meses, e a roupa foi fornecida uma só vez de há 3 ½ anos para cá.

Um dos sentinelas, que é da guarda-nacional, comandados por um oficial de linha, não tinha pedra no cão da espingarda, e segundo o Florencio o administrador, que parece muito ativo e não tem papas na língua, [*diz que*] esses guardas quando não dormem sujam as paredes com obscenidades.

A obra do cães é muito precisa para que o mar não chegue à muralha brevemente e é para notar que em lugar de se ter terminado o 3º braço do fundo que já estava bastante adiantado se começasse quase a fazer o do sul, que de certo não

ficou coberto no fim do ano, como esperava o Saraiva, segundo leio no seu relatório; contudo existe o que é necessário para terminar o raio.

A obra devia ser feita em parte pelo Governo Geral, pois essa casa recebe presos de diversas províncias do Norte.

Trabalham bastante e já fazem 150 pares de botinas por dia e algumas tão boas como as finas européias.

A diária para a comida é de 240 réis. A mobília da casa da guarda é miserável. Os presos dormem em tarimbas de levantar.

Enfim, antes de vir almoçar ainda fui à Caixa d'água da Companhia Beberibe. Contém 3500 barris e já supriu a cidade por 2 dias por ter-se arreventado um cano. A água de superfície apenas tem poeira por cima; porém é tão boa como a que se tira de 7 bicas que há do lado do rio. A vista que se goza da abóbada de cima não é má. A água vem dum olho a duas léguas de distância para o lado de Apipucos, onde há outro reservatório, ou antes açude segundo me disseram.

Acabado o almoço, estive estudando a história dos lugares memoráveis na guerra com os holandeses, e ao meio-dia e 20 fui ao Arsenal de Guerra <sup>023</sup>. Muito acanhado, porém bem arranjado, não havendo senão raras máquinas e estas mesmas de mão.

Os capotes e calças de fazenda pouco própria; os sapatos vindos do Rio são melhores que os que vi na Bahia; mas estragam-se com qualquer chuva, segundo ouvi ao Comandante dos artifices, sendo feitos na Ilha de Fernando muito bons, e os comprados aqui superiores aos primeiros mencionados; os que vêm do Ceará já não prestam.

As camisas e calças parecem-me curtas, e a oficina de alfaiates tem muito poucos oficiais, fabricando-se a maior parte das peças de fardamento fora do Arsenal.

Os menores e artifices têm as camas muito unidas por falta de espaço, mas os gêneros são bons, menos a farinha dos artifices, parecendo-me contudo insuficiente a ração destes.

Os menores lêem apenas sofrivelmente, desenham menos mal, e resolvem problemas fáceis de geometria, sabendo mal a conta de repartir; não vi as escritas, porque o mestre tinha levado as chaves das gavetas.

O armamento dos artifices <sup>024</sup> faz gosto vê-lo de bem limpo.

Trabalham bem de ginástica e há 20 formam um núcleo de corpo de bombeiros, tendo feito alguns exercícios, como o de escadas até um primeiro andar, donde desceram mal pela manga por causa da pouca altura. O diretor deu-me um relatório que junto.

O coronel Lobo queixou-se de ainda servir interinamente de secretário do conselho de compras, cuja repartição me pareceu regular.

Às 5 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> fui passear pela Madalena voltando pelos Remédios e Afogados. A ponte da Madalena está belamente situada sobre o rio Capibaribe e senti passar pelo aterro dos Afogados, que no fim da ponte do lado da cidade até terminar conta 738 braças e acaba de ser macadamizado, como a ponte cortada, de noite; porque não pude ver a linda vista dos dois lados, observando da do mar parte da estrada de ferro e de frente para a banda da cidade e de Olinda.

Vi na estrada dos Remédios uns coqueiros barrigudos Macaibas (Macaúbas) de cujas folhas menores tiram-se por maceração fios de seda porém mais áspero que esta; pedi-os ao Melo Rego que me deu esta informação e as outras que se seguem.

Há bom barro para olaria, principalmente do lado direito da estrada dos Remédios vindo para os Afogados, e nesses campos pasta mal o gado uma gramínea só menos dura quando mole chamada luca, nome também dum lugar próximo à estrada dos Remédios.

Para consumo da cidade matam-se diariamente 100 bois; o que admira comparando a matança no Rio, sendo a população do Recife, como ainda ouvi esta tarde ao Figueira de Melo, cuja estatística ainda está a se publicar toda há 7 anos, por culpa da tipografia do "Diário de Pernambuco", de 80 mil almas; é verdade que calculada em 1846.

O matadouro fica do lado direito do aterro dos Afogados vinda para a cidade.

Na passagem da Madalena há uma ponte do Chora-Menino como existe um chafariz na Bahia, célebre na setembrada, tendo-se por essa ocasião, segundo o vulgo, escondido muitos cabedais numa vala.

Na volta para a cidade passei pela rua direita, que é uma serpente quase na forma.

Esqueci-me dizer que depois de sair do Arsenal corri grande parte do Recife vendo por fora na Rua da Cruz a casa e escritório de Meuron, que foi onde morou João Fernandes Vieira. É estreita e de 3 andares, tendo 3 portas no rés do chão, 2 janelas de balcão corrido no 1º andar; 3 de sacada de ferro corrida no 2º andar; e 2 de peitoril no 3º.

Alguns tanto mais adiante do lado oposto, à direita indo para fora de portas, que existiam outrora junto a um forte de

Bom Jesus, demolido pelo Paraná, no princípio da rua da Cruz uma figura de baixo-relevo na parede duma casa <sup>025</sup>, representando um homem de barba longa e segurando numa espécie de gado com vestido talar, e tendo sobre a cabeça uma inscrição onde julguei ler: Jacob Bettick Genaemt; havendo outras letras que não decifrei no pouco tempo em que estive parado; hei de mandar lá alguém para examinar melhor.

Vi também as ruínas do antigo forte do Matos <sup>026</sup> junto à casa da Assembléia Provincial, que pertenceu à Inspeção do algodão e o beco estreitíssimo, onde foi assassinado o Fidiex.

Às 8 fui ver a pé todas as luminárias, sendo a mais bonita a do bairro Boa-Vista. Gastei 2 horas e 20, muita gente; muitos vivas, e quando cansavam as goelas aplausos com as palmas das mãos, e muito pó, sendo para lamentar que as mais belas se contem na maior parte, que não estão calçadas.

Disseram-me que um bom prédio no Recife junto à ponte nova, é do engenheiro da província José Mamede Ferreira <sup>027</sup>.

O diário vai escrito muito à pressa porque preciso de descansar.

Antes do almoço vieram os pescadores com uma jangada sobre rodas e armada de folhagens, e todos uniformizados, oferecer-me uma bela pescaria de cavalas que encheram três salvas grandes.

No passeio da tarde vi um coqueiro cujo tronco em certa altura formava uma dupla curva.

### **25 de novembro de 1859**

Saí depois das 6 e fui primeiramente ao estabelecimento Cambrone <sup>028</sup> para limpeza da cidade. Examinei os diversos sistemas de latrinas pretendendo ele separar as matérias sólidas das líquidas, que por meio de canos de grés vidrados serão conduzidos para o rio, vindo as sólidas depois de desinfetadas quando recebidas nas casas, por água até defronte do estabelecimento onde se converterão em “poudrette”.

A estrada do norte para Olinda passa por defronte do estabelecimento, e talvez convenha que a “poudrette” não se prepare desse lado, mas para o fundo do terreno do estabelecimento que deita para a Tacaruna. Já tem toda planta feita para limpeza dos 3 bairros, e espera qualquer dia uma remessa de canos. As casas não são pequenas, tendo diversas oficinas, e 38 trabalhadores belgas, esperando mais 15. Cambrone é francês e parece francês; hei de procurar ver as condições do contrato feito com a província, em outubro do ano passado. As latrinas nas casas têm reservatório d'água que é a que ajuda na separação das matérias

Pouco adiante do lugar do estabelecimento para lado do istmo de Olinda na distância de cerca de 1.000 braças dessa cidade, mostraram-me um pequeno teso, onde consta que houve um forte do Bom Jesus. Pensei que fosse o forte da terra, mas já sei que esse que também se chamou de São Jorge era onde se acha agora a Igrejinha do Pilar, fora das portas.

Depois fui ao Hospital Militar, vendo no caminho numa das janelas da casa onde mora o Borges da Fonseca <sup>029</sup> que me cumprimentou antes de eu fazê-lo; achei-o mudado da última vez que o vi e parece que voltou para a cidade, donde até se disse que se retirara, o que já creio que não é exato, para Iguarassu, por causa do entusiasmo do povo, pois logo que cheguei soube que o tinham antes ameaçado de quebrar-lhe os tipos se continuasse a fazer como fazia na Tesoura e outro papelucho, que ainda não li.

O hospital <sup>030</sup> ainda não está acabado, mas o plano me parece bem. É espaçoso, mas falta-lhe água apesar de a caixa d'água feita, já havendo ordem para encana-lá, por encontrando-se embaraços da parte da Companhia Beberibe.

Apenas tem um caixa incompleta de instrumentos cirúrgicos. As camisas e calças fornecidas são curtas e estreitas, sobretudo para doentes. Não tem sala de convalescentes. O diretor mora no Monteiro, porém disse-me que dormia às vezes no hospital numa cama que mostrou-me. No tempo das águas não pode ir para o hospital por um lado, porque encharca.

O óleo de ricino da botica não é do melhor, e não sei como serão outras drogas. Abundam moléstias sífilíticas, e a mortandade maior é de tuberculose. O diretor ficou de apresentar-me um relatório. Junto o mapa diário.

Depois do almoço fui ao Curso Jurídico <sup>031</sup>. Casa acanhada. Assisti a exames de todos os anos. Estudantes fracos, entre os quais o filho <sup>032</sup> do visconde de Albuquerque no 2.º ano.

Ouvi a todos os lentes menos o Pereira Rego <sup>033</sup> e Aprigio Guimarães <sup>034</sup>, e dos que não conhecia gostei do Portela <sup>035</sup>, Bandeira de Melo Filho <sup>036</sup>, Braz Florentino <sup>037</sup> e Pinto Júnior <sup>038</sup>.

O Loureiro <sup>039</sup> parece saber o que ensina, mas parece carranca e tem pronúncia portuguesa muito acentuada. O Nuno <sup>040</sup> creio que também sabe o compêndio. O Aguiar <sup>041</sup> repisou muito as idéias.

Vi na sala de exames do 3.º ano um púlpito do princípio da Escola.

Indo à Secretaria contei 50 estudantes, entre os quais grande número dos que figuram agora na vida pública, que

fizeram exame do 1º ano em 1829, primeiros exames do novo curso jurídico, porém, muitos vieram de Coimbra, segundo me disse o Aguiar, um dos estudantes da criação do curso.

A biblioteca está no Colégio das Artes, que visitarei amanhã.

Depois da 5 e meia fui passear à Soledade voltando ao Largo da Cruz.

O bispo <sup>042</sup> tem um bom palacete no chamado corredor do Bispo, que é uma boa rua, e apesar de possuir outro em Olinda, onde está a Catedral, só aí passa 2 dias da Semana Santa.

Defronte do quartel do nono, na soleira de uma casa que reví melhor depois, foi que um tiro matou o Nunes Machado.

Sempre muita poeira, e a cidade carece de ser ao menos macadamizada nas ruas principais, assim como de mais pontes sobre o rio, porque é muito incômodo ter de passar do bairro de Santo Antônio sempre por uma imensa ponte para o da Boa Vista ou o do Recife; o complemento do cais também é muito necessário.

Falei com o Dr. Feitosa <sup>043</sup> antes do jantar, e de noite veio com a deputação de suas duas sociedades congratular-me fazendo queixas políticas. É pardo claro, com olhos mais abertos que inteligentes, e ares de ambicioso pouco ousado na ação. Exprime-se com facilidade e parece estar agora em excelentes idéias. Disse-me que lhe parecia que o Forte de São Jorge ficava para o lado da Tacaruna.

De noite, depois das 8, vieram 2 batalhões patrióticos, ambos com bandeiras, e o primeiro com tochas e de traje branco com chapéu de palha com fita verde, trazendo alguns archotes e bastantes a cavalo, acompanhando todos um carro figurando o Capiberibe, que se levantou para recitar versos, sendo o que segurava as rédeas dos dois cavalos, sustido pelos freios de segurança, outra figura do rio assentada num [*ininteligível*] a abanar com o movimento do carro, que trazia 7 meninas e cantaram um hino acompanhado por uma das duas bandas de música também de traje branco e chapéu de palha com fita verde.

O Lamenha <sup>044</sup> comandava os batalhões e entre os soldados do primeiro conheci o filho do Magalhães Castro a cavalo, e do general Coelho <sup>045</sup>, sustentando uma das bandeiras. Houve muito foguete e viva, e a praça até quase metade principiando da porta do Paço estava apinhada de povo.

Cairam algumas gotas d'água hoje e chuvei pouco ontem.

De manhã há terral do quadrante N.E. e de lado de S. a E. e quase há sempre muito fresco principalmente em Palácio. As trovoadas aparecem no princípio do inverno, e durante este é que há chuvas, que às vezes duram dias a fio como sucedeu este ano.

## **26 de novembro de 1859**

Às 6 fui ao Caxangá ver a ponte <sup>046</sup>, que dista do largo do Colégio, donde se mediram todas as distâncias 4.800 braças, havendo um aterro pouco adiante do lugar do viveiro pouco menos de 2.800 braças até o Caxangá, pequena aglomeração de casas térreas com sua capelinha. O caminho é o de Pau-d'alho e vai-se pela ponte de Madalena.

Notei que os gêneros ainda vinham às costas de cavalos, sendo a estrada até Pau-d'alho de carro, e disse-me o Melo Rego que na estrada da Vitória já há bons carros como em Petrópolis. Cada cavalo carrega 2 sacos de açúcar cada um de 5 arrobas, e o condutor vai assentado em cima.

A ponte é suspensa por cordas de arame de ferro em dois pegões e tem o vão de 270 palmos que é pequeno para as grandes cheias do rio, tendo a de 1854 chegado até os barrotes da ponte. O pegão da parte de além abateu de um lado e rachou o arco de abertura que tem para a passagem da águas, inclinando a haste de ferro do lado direito indo por cima da qual passar a corda de arames, puxando pela ponteira que também se desviou da vertical e para isso fizeram um arco por baixo da que existia, segurando ainda o pegão por meio duma estacada de 15 palmos de profundidade retendo um revestimento de alvenaria enterrado no chão 12 palmos.

Depois de concluída esta obra sucedeu o mesmo ao pegão do lado oposto onde se fez para segurá-lo o mesmo que ao primeiro. Enfim, a ponte construída em 1854 carece de ser substituída por outra de melhor sistema, e consta-me que já há planta.

Vi no Caxangá o Dr. Pto. Pessoa <sup>047</sup> que concorre 3ª vez para substituto da Faculdade. Amigo antigo de Borges da Fonseca mostra-se agora monarquista, e veio oferecer-me a casa para descansar. É muito preguiçoso, e diz que não sabe completar a leitura duma obra.

Pouco adiante há uma ponte que a cheia deste ano botou abaixo, convindo como me disse o Melo Rego, e parece acertado, deixar as águas passarem por cima do aterro, calçando-o nesse lugar convenientemente. O dono do engenho do Brum opõe-se, mas há uma vala para esgoto das águas do seu terreno.

Depois do almoço fui à Faculdade, mas os lentes Pereira Rego <sup>048</sup> e Aprígio <sup>049</sup> já tinham argüido. Ouvi o resto do exame do dia do 5.º ano e fui à livraria do Curso. Tem bons livros novos, porém muito pouco próprios dum curso de direito e das matérias preparatórias e bastantes alfarrábios de teologia talvez vindos de algum convento. Há catálogo que está se acabando de imprimir; mas não vejo classificação dos livros nem indicações dos lugares para achá-los; o cônego Pinto de Campos, que é o bibliotecário, disse que não era difícil achá-los por serem poucos; contudo o número não é muito diminuto. Ao pé há uma chamada biblioteca, com os respectivos empregados; mas sem quase escolha nos livros havendo até alguns cuja leitura é nociva, muito pequena, estando os livros apenas classificados nas estantes, em 3 ramos, porém falhos de indicações para achá-los.

Depois assisti aos exames de geometria e aritmética e geografia. Os estudantes foram em geral bastante fracos, e o professor de filosofia pareceu-me pelo modo porque examinava saber mais aritmética do que o professor da aula; aquele chama-se creio que Herculano de Sousa Bandeira, e este João Vicente da Costa e Silva.

O professor de geografia parece mau, e o outro que também examinava apesar de ser professor de Retórica (chama-se creio que Francisco Seráfico de tal) perguntou bem.

Houve escrita em geometria, em história e geografia; o examinando nessas últimas matérias era fraquíssimo.

Nas notas dos exames de ontem e que assim julgo pelo que presenciei, que houve favor para todos os aprovados plenamente que mereciam levar um R.

As duas casas da Faculdade de Direito e Colégio das Artes <sup>050</sup> são até quase indecentes e muito acanhadas; ao menos caíem-nas e pintem-nas.

Voltei a casa pouco antes das 3 e fui ver 4 escolas de 1<sup>as</sup> letras, as que segundo a informação do Diretor da instrução pública provincial o dr. Portela <sup>051</sup> se tornavam dignas de visita nos 3 bairros da cidade.

Aula da travessa do Carmo, casa n.º 1 do padre Varejão. 128 matriculados, e 80 a 90 de freqüência. Casa muito acanhada e com pouco arranjo, queixando-se o mestre de que lhe dão só 200 mil réis por ano para casa, além do ordenado que é francês e inglês, até um dicionário grego-francês de [*ilegível*] que eu não conhecia; mas o professor respondeu-me que só arranhava um pinguinho francês e um pinguinho de inglês.

Pouco trabalho; mas os meninos estão sofrivelmente adiantados. Queixou-se de que lhe mandassem os traslados sem ser em quadros, não servindo por isso.

Aula da Rua da Glória. 124 matriculados e 80 a 90 de freqüência. O professor pareceu-me sofrível; mas a casa é muito acanhada e térrea.

Aula de meninas, 87 matriculadas e 60 a 70 de freqüência. Casa melhor e de sobrado, a professora é boa.

Aula de meninos na rua dos Guararapes; 61 matriculados e freqüência 46. O professor pareceu o melhor dos que já vi esta tarde. Os estudantes continuam como em todas as partes, com poucas exceções, a mostrar-se muito fracos em aritmética.

Depois das 8 da noite fui ao Teatro <sup>052</sup>. É elegante, mas pequeno, e com 4 ordens de camarotes, creio que 61 no todo. O meu camarote tem boa sala de descanso, mas a escada, apesar de bem lançada, é a geral. Cantaram retalhos, e mal, sendo a orquestra sofrível, acabando às 11 e 5 minutos. A iluminação é a gás.

Esqueci-me de dizer que na travessa do Remédio, tendo sido a estância ou o ponto da gente de Camarão no Remédio, há apenas 1 capelinha, que vão agora reparar, construída pelo padre Manuel Caetano no tempo de Caetano Pinto.

Junto duas notas a respeito da figura na casa n.º. 64 da rua da Cruz.

Na povoação de Caxangá há uma fontezinha de água férrea que provei, não turva muito e é procurada pelos doentes.

A noite passada quando me deitei ventava muito.

## **27 de novembro de 1859**

Fui às 6 da manhã dar um passeio até o açude do Prata. Pouco distante da cidade, toma-se à esquerda do caminho de Apipucos, passa a igreja da Estância, que passa por fundada por Henrique Dias, que se achava postado com sua gente na passagem da Madalena e suas circunvizinhanças. Está maltratada, e tem uma irmandade de pretos.

Largando novamente a estrada de Apipucos toma à esquerda pelo caminho do Chacon a encontrar o rio pouco acima

da passagem do Cordeiro no Capiberibe, onde Fernandes Vieira passou o rio a cavalo com sua tropa para atacar os holandeses na Casa-Forte ou no engenho de Ana Paes senhora dele ou de Isabel Gonçalves rendeira.

A maré chega até Apipucos e o rio não dá vau na passagem de Cordeiro quando a maré está cheia ou no tempo do rio tomar águas; gastei 5 m. andando ligeiro do começo do caminho do Chacon até o rio.

O engenho Cordeiro fica para cima muito pouco, e mais acima há outra passagem. Pouco depois de tomar a estrada de Apipucos larguei-a, seguindo para o lugar da Casa-Forte, de que não se tem encontrado o menor vestígio, estudando-se o terreno até os caldeireiros, caminho que segue para a esquerda; em poucos minutos achava-me de novo no caminho de Apipucos.

Daí a pouco passei pelo Monteiro, onde há duas casas e uma capelinha, e não parei senão em Apipucos, onde entrei na capelinha que dizem ter sido fundada por uma certa Branca Dias, dona desse engenho, de que me mostraram pouco longe da capela e à esquerda, olhando daí um resto de pilar da casa de vivenda, e à direita da mesma posição restos da casa de purgar.

Um José Afonso Ferreira da Boa Vista na cidade, tem papéis antigos a respeito dessa capelinha.

Depois fui ver o açude do Prata. Forma uma espécie de lago, gastando na andadura do meu cavalo 6 minutos a circulá-lo.

Deram-me muito boa água ali colhida para beber, mas é preciso guardá-la um dia ao menos para perder o gosto de ferro, que tem mais ou menos, sendo bastante sensível, e diferindo a bebida logo do açude apenas na temperatura que é morna.

Deste açude parte o encanamento de águas da cidade, obra da Companhia Beberibe.

Na volta gostei da bela vista do alto dos Apipucos, donde se descobre a cidade e toda a Várzea, com lindíssima visão, sendo provavelmente a eminência donde diz a história que Henrique Dias observava os movimentos do inimigo. O proprietário do sítio, o comandante do corpo policial tenente-coronel do exército Sebastião Lopes Guimarães mandou fazer um mirante de pau, com escadas e rodeando uma árvore que aí dá, tornando-se assim um lugar belíssimo para tomar café e conversar de tarde ou de manhã antes de vir o calor.

Não muito distante de Apipucos tomei à esquerda pelo beco que chamarei caminho do Quiabo, e depois de pequeno declive cheguei ao Arraial-velho fundado por Matias de Albuquerque chamado na história de Arraial do Bom Jesus, que está num plano que desce depois insensivelmente para o caminho de Apipucos. Há algumas casas. Há colinas à esquerda e a que fica do caminho do Quiabo vai para o lado de Apipucos até a casa, que é boa, do português Ferreira. O comandante da polícia, que diz ter caçado muito por aí, nunca achou vestígios de acampamento entrincheirado, mas será bom examinar melhor pois ele certamente não é exceção de ignorância <sup>053</sup> que encontro em geral nos pernambucanos da história gloriosa de sua província nessa época.

Ainda me desviei para passar pela povoação do Poço da Panela com mais casas do que Apipucos e uma igrejinha; é a freguesia, o inglês Gibson <sup>054</sup> tem aí uma casa que parece bem arranjada.

Saí no açude do Prata pouco depois das 8, às 8 e 40 já estava no palácio do Mosteiro, para cá pouco do Arraial, e às 9 e 40 em Palácio, calculando daqui ao açude do Prata a distância entre 2 ½ a 3 léguas.

A respeito destes lugares célebres na guerra com os holandeses <sup>055</sup> irei juntando os extratos que pedi ao Pedreira para fazer de diversas obras. Já tenho num mapa quase que traçado todo o itinerário de Vieira desde que fugiu da cidade até a entrada desta pelos Independentes.

Depois do almoço fui ver as seguintes igrejas – São Pedro Gonçalves – é um belo templo. Foi primeiramente uma capela e quando o Bispo José Justiniano de Azevedo Coutinho quis este, por ordem do governo transferir a matriz daí para a capelinha do Bom Jesus, demolida no tempo do Paraná, junto ao forte do mesmo nome ou o denominado Quebra-Pratos, ele já ia para mudar o Santíssimo o povo amotinou-se, e tendo ele cedido foi por isso chamado a Portugal onde foi perseguido. Ouvi isto do Vigário antes de começar a missa que assisti nessa igreja.

Capelinha do Pilar, no local do forte de São Jorge, muito pequena e maltratada; não achei nenhuma reminiscência.

São Francisco – o mais belo templo de que vi pelo gênero, mas em menor escala do da Bahia; a Capela dos Terceiros é primorosa; mas eles para ficarem inteiramente independentes construíram Igreja sua boa mas sem se distinguir do comum tendo ao pé Hospital pequeno, e com mau cheiro na escada aonde não chegava o perfume queimado nas enfermarias.

Não vi a sala do consistório, que dizem ser muito vasta por estar aí a Secretaria da Presidência durante minha estada

aqui, e ser domingo e portanto estar fechado.

Externamente ao convento, como ornato, há dois animais de gesso ou barro que tudo podem ser menos o que pretendem representar que são leões.

Os holandeses fortificaram o convento que defendia a casa do conde de Nassau, e na tomada do convento mataram 70 e tantos, segundo ouvi a um frade que o lera em Jaboatão. Hoje são 18.

A catacumba n° 22 é onde está enterrado o Nunes Machado, cujos ossos disse o periódico Ordem que o Feitosa <sup>056</sup> queria trasladar durante minha estada para o cemitério, o Convento foi edificado em 1606 segundo ouvi a um dos frades.

São José, matriz nova. Igreja muito bela que está construindo o bispo. Deve ficar obra majestosa e é pena que já há 3 rachas em três pontos da parede da frente, e duma nave inteira e duas laterais incompletas.

Convento do Carmo – boa igreja e notável pelas belas cadeiras de jacarandá para os frades cantarem o ofício. Estão no corpo da igreja e são trabalhos dum irmão da Ordem. Vi os retratos do sr. bispo de Crisópolis tirado em 1841, não me parece semelhante, e o do irmão bispo do Maranhão que tinha uma bela fisionomia e ser parecido.

Fui à cela do sr. bispo composta de duas peças, que depois pertenceu ao irmão bispo do Maranhão, sendo agora do religioso frei Cândido de Santa Isabel. É no 2° andar e deita janelas para a travessa do Carmo.

Escrevi no quarto de cima e num papel e com pena de aço e papel que aí achei o seguinte, tencionando mandá-lo ao sr. bispo: Escrito na cela de frei Pedro Santa Mariana. Em 27 de novembro de 1859 <sup>057</sup>. A cela pertence agora a frei Cândido de Santa Isabel.

A Igreja Matriz da Boa Vista é lindíssima no frontispício de pedra lavrada, e muito elegante, mas o interior não merece menção.

O Convento do Carmo tem no frontispício 1767, mas há uma sepultura com a data de 1723, e a do Frontispício é a da reparação.

O bispo do Maranhão, irmão do sr. bispo, está na parede da capela-mor à direita olhando para o altar, não tem nenhuma indicação, nem sinal de que há aí sepultura.

Belém – pequena e maltratada. Ai se recolheu o corpo do Nunes Machado quando o encontraram. O quartel general dos rebeldes foi no caminho de Belém para cá da capelinha e duma pequena ponte, à direita de quem vem.

Um major velho que tem andado pelo palco se diz descendente do Vieira; refere que Belém foi construída por Vieira sendo donos das terras circunvizinhas.

Conceição dos Militares – um belo templo que se classifica logo abaixo do de São Francisco e tem uma varanda perto do teto do coro da igreja, rodeando-o, de belo gosto antigo, que ainda não descobri em nenhuma igreja das que tenho visto no Brasil. Por baixo do coro há a pintura da batalha dos Guararapes, cuja descrição vai anexo.

Espero informações a respeito de algumas destas igrejas. Senti não ter achado a profissão do sr. bispo, mas prometeram examinar se existia <sup>058</sup>.

De tarde depois das 5 ½ acompanhei a procissão do Corpo de Deus que foi concorrida estando as ruas cheias de povo <sup>059</sup>.

### **28 de novembro de 1859**

Saí às 7. Corri parte do bairro de Santo Antônio e do Recife, reconhecendo por detrás da capelinha do Pilar, defronte do portão da fortaleza do Brum pouco distante uns alicerces à flor do chão sobre uma altura de areia, e do lado direito da capelinha do Pilar, olhando para ela, e por baixo da parede de pedras com tijolos de permoio arranjados de modo que parecem duma parede desabada; julgo que a Capelinha foi com efeito edificada sobre o lugar do forte de terra ou de São Jorge; o do mar perto do farol sobre o recife fica quase no alcance da Capelinha.

Passando pela rua da Cruz verifiquei que a figura tem na mão esquerda um livro, e na direita uma vara e está de toga com uma faixa na cintura atada com laço, barba longa e pés descalços.

Soube que a Igreja de São Pedro Gonçalves é a mesma do Corpo Santo e reconheci bem o local do forte do Bom Jesus ou Quebra-Pratos, sendo o arco que estava ao pé e formava as portas do Recife para o lado do Norte ou da terra muito bonito principalmente por causa da capelinha toda dourada do Bom Jesus que tinha em cima.

Antes de ir à Alfândega entrei na Igreja de Madre de Deus, que é bom templo com a capela-mor toda dourada e tendo pinturas nos painéis das paredes, admirando a rica obra de talha em cedro sem ser envernizado o teto da sacristia com belo apainelado e anjinhos quase que de inteiro relevo.

No bairro de Santo Antônio estive na Igreja de São Pedro dos Clérigos cujo frontispício é muito elegante e de pedra, distinguindo-se os relevos da porta principal, e o interior todo dourado, com excelentes proporções e o corpo octogonal correspondendo dois lados, um à capela-mor e outro à porta, e os restantes ocupados por altares; até a pouca luz a torna mais bela, em arquitetura e gosto é decerto a primeira igreja da cidade.

A alfândega está no antigo convento dos Manigrepos ou São Felipe Neri a que pertencia a Igreja da Madre de Deus, a que se ligava o edifício hoje da Alfândega desde 1837.

É vasto, mas o serviço é mal-feito não tendo nem trilhos de ferro e subindo os fardos em carrinhos por uma rampa para os armazéns do andar superior, receando o Inspetor carregar um destes feitos no tempo de Sampaio Viana, estando aliás muito cheio, é verdade que de fazendas francesas, um dos do mesmo andar do antigo convento. Quatro vigas de madeiramento do armazém bastante longo e largo do tempo de Sampaio Viana já foram reforçadas. As pontes só admitiam 2 navios a descarregar e só de certa lotação em qualquer maré, ainda que não haja risco em encalhar no baixa-mar por ser o fundo de areia, e se quiser estender a Alfândega o lado porque poderia fazê-lo está tomando e o vai sendo cada vez mais pelos armazéns particulares. Havia poucos gêneros. Fizeram-se 2 torreões por ocasião da mudança em 1837, para simetria com outros dois do convento mas não servem agora para a Alfândega por ser muito incômodo subir os andares.

A casa do despacho não é má, tendo sido feita por ocasião da mudança e às 9 ¼ fechou-se em minha presença o portão havendo faltado poucos empregados, e quase todos por [sic] doentes. Pedi diversas informações ao Inspetor.

Fui depois ao Consulado Provincial <sup>060</sup> e Recebedoria que ocupa um dos torreões, tendo alguns cômodos vagos em que poderia estabelecer-se talvez com vantagem pedindo diversas e depois visitei a este ultimo que se acha em casa particular porque se paga 1:600\$000 pedindo o dono aumento de aluguel. Pedi ao administrador diversas informações, parecendo-me tudo em ordem ainda que se ache acanhado. Perto da Alfândega há um armazém com ponte onde se embarcam os algodões onde eu fui antes de visitar o consulado provincial.

Num armazém nacional arrendado a particular que ocupa parte do local do antigo forte do Matos havia uma pedra com coroa e cruz [?] que disseram achar-se no Arsenal de Marinha.

Acabado o almoço fui visitar as repartições gerais e provinciais que se acham no antigo Colégio dos Jesuítas. Estão bem acomodadas, menos a tesouraria <sup>061</sup>, que tem os armários dos arquivos pelos corredores, parecendo-me o cartorário um pouco trapalhão. Seis dos melhores empregados estão fora da tesouraria em comissões, de que se queixa o inspetor. O que pude examinar agradou-me.

Achei aí um livro de 1644 que parece do tombamento de bens do estado a que lhe pagavam direitos, e recomendei ao Fiúza para mandar examinar os livros antigos que se encontrassem nestas repartições. Há um livro de patentes de 1665 mas não consta que se encontre no arquivo assinatura de qualquer dos cabos portugueses na guerra com os holandeses.

O correio <sup>062</sup> parece em boa ordem, mas havia as cartas do paquete inglês em 4 horas, e as dos paquetes que vêm das Províncias ao sul de Pernambuco de 4 a 6 horas.

Há dias de vender 100\$000 de selos, que parece haver inconveniente em serem fornecidos pelo Ministério da Fazenda, que muito pensionado esquece-se de mandá-los para as Provinciais; temos o Almeida Pereira visto embaraçado na remessa de cartas antes da sua saída da Bahia.

A Tesouraria da Fazenda Provincial <sup>063</sup> parece em boa ordem; mas a contadoria tem muito poucos empregados, estando contudo em dia a tomada de contas, o que não sucede no geral, em que do exercício de 57 a 58 só se tem tomado algumas.

Disseram-me na Tesouraria Geral que não faltavam bilhetes, mas cobre, demorando-se por isso o pagamento à marinhagem, e sendo o ágio do cobre de 8 a 10%.

O Pedreira disse-me esta tarde que lera no Jaboatão, Arraial Velho denominado Arraial do Bom Jesus de Parnamirim, o que decide a questão do local no sentido do que já escrevi, e que o Forte do Convento de São Francisco era o forte Ernesto – Castrum Ernesti – de Barlaeus, assim como que não vem referido o número dos frades mortos.

Depois das 5 ½ fui ao cemitério que é digno de ver-se por seu bom arranjo e belos sepulcros e capelinha em estilo gótico de risco de José Mamede Alves Ferreira, sendo o altar, castiçais e crucifixo com o Senhor em tamanho quase natural, tudo de ferro em partes dourado ou prateado. O administrador é o Virães <sup>064</sup>, que me deu um álbum a respeito do cemitério que é curioso: o cemitério é tudo para ele e prestou excelentes serviços durante o cólera.

Vi o monumento mandado erigir pela Câmara Municipal ao cel. Francisco Jacinto de quem a família quase não se lembrou depois de morto. Também me mostraram as sepulturas do visconde de Goiana junto ao do Francisco Jacinto e do Pe. Miguel do Sacramento Lopes Gama, pegado ao de Vicente Pires de Figueiredo Camargo.

## **29 de novembro de 1859**

Fui às 6 visitar as obras do porto. Segui para a Ilha do Nogueira chamada Cheira-Dinheiro no tempo dos holandeses, e aí, vi os edifícios do Lazareto agora ocupado por naufragos ingleses na costa do Rio Grande do Norte. O corpo central tem uma boa sala e 10 quartos sofríveis, havendo mais as dependências no fundo separadas, e duas espécies de torreões também separados na frente. O edifício concluiu-se em 1855.

A ilha do Pina, onde realmente está o Lazareto, já não é separada da do Nogueira porque taparam a saída do rio do Pina, pertencendo esta aos estabelecimentos de caridade, que a arrendaram, havendo um bom viveiro de curimãs e tendo já tido 9 mil coqueiros.

Fui até o fim da muralha já feita e liga a Ilha do Nogueira ao Recife, na extensão de 300 braças faltando 200. Fez-se estacada do lado de dentro, enterrando-se as estacas 15 palmos, cujos topos foram reunidos por linhas de madeiras ligadas desencontradamente, e havendo entre as estacas tábuas fincadas ao comprido. A base da muralha é de 25 palmos de largura, e o talache [sic] dum décimo, levando por cima cimento com areia, e revestindo-o inferiormente o marisco em grande quantidade. A pedra é solta e vem do Recife, e de Maria Farinha. A direção desta muralha parece-me melhor que a do Law <sup>065</sup>, porque o recanto ficará depressa aterrado, segundo parece tomando a margem a forma da muralha que se está construindo. As areias são trazidas pelo rincão e já tem aterrado bastante pelo lado de fora da muralha entre esta e a ilha do Nogueira, e convém muito plantar e edificar nesse terreno e na ilha, para que não sofra o porto, ficando por tal forma impedida a passagem das areias.

A muralha já tem concorrido, segundo diz o Elizario <sup>066</sup> para as águas escavarem os baixos dos Passarinhos, que dantes apareciam no praia-mar de marés mortas, e agora nem aparecem no baixa-mar das vivas, sendo a diferença de profundidade d'água de 2 pés.

Observei ao passar pelo aterro da Cabanga o lugar por onde o Law propõe fazer passar o Capiberibe; na cheia de 1854 por aí rompeu, e se essa abertura me pareceu conveniente à primeira vista então, agora em dúvida sobre a sua vantagem depois do relatório do Martineau <sup>067</sup> que não a lembra, e da discussão que houve entre os diversos engenheiros que se têm ocupado do assunto e discutiram perante.

O rio Capiberibe tem-se afastado do lado da Cabanga ficando intransitável no baixa-mar a passagem dos Afogados, o que mostra que seu curso não é para esse lado, e se o rio cresce com a maré, segundo diz o Law, muito mais do lado norte do bairro de Santo Antônio que do sul, atribuindo-se à represa da ponte velha do Recife, cujos pegões descansam sobre pontos do leito do rio, alterados para sua construção, estendendo-se a base artificial de pedra mesmo para os intervalos dos arcos e à ponta do bairro de Santo Antônio; cumpre refletir que as águas do Beberibe concorrem em grande parte para a represa das do Capiberibe, fechando-se conforme o plano do Law a separação entre Santo Antônio e Recife, para que não haja duas correntes contrárias, que aumentariam o entulho do porto, desaparecendo assim a maior beleza da cidade, e sofrendo os interesses dos armazéns e trapiches estabelecidos nas margens do rio, que separa agora os bairros de Recife e Santo Antônio.

Todavia é preciso examinar muito bem esta questão, faltando-me referir que o Elizario lembra o projeto dum porto de abrigo formado pelo Recife dum lado e do outro por uma muralha, tendo aí o fundo de 5 braças, desde os bancos de Olinda, com 3 braças de fundo, até o do inglês, dando as duas muralhas, uma natural e outra artificial, franca entrada pelo lado sul.

O cais do Arsenal vai continuando sobre estacas, conforme a direção, que todos os que tenho podido ler dão a esta obra, cuja utilidade é facilmente reconhecida, e passando pelo farol o Elizario disse-me que é na ponte de Olinda que se deve estabelecer um bom farol. Referiu-me também que se julgam nascidos sobre as ruínas dum forte no meio do Beberibe, que deve ser o Sequó (segundo os portugueses) ou de Wanderbrosh (segundo os holandeses), uns arbustos cujos ramos aparecem no baixa-mar. Ouvi-lhe que talvez fosse o reduto de Santo Amaro de que ainda se podem descobrir vestígios de muralhas, o da Bateria, que tanto incomodava os holandeses.

Almocei no Pirajá, onde saltei, pouco antes para baixo do largo do Colégio, e depois das 11 e 5 minutos fui de galeota ver os pegões da ponte velha, que estão quase todos desaprumados, e fechados pelo cais os dois do topo no lado sul.

Subi a ver a linha da Conceição sobre o Arco do lado do Recife, que tem a era de 1780; é bonitinha e aí se refugiaram, sendo-lhes a vida respeitada, junto ao altar, diversos comprometidos das revoluções na ocasião do combate.

Há lojinhas embaixo nos pés do arco.

Atravessei a pé a ponte que tem 80 braças, a pé tremendo tanto e de repente a chusma de povo que me acompanhava, que pensei cambalear por causa de alguma tonteira, é indispensável proibir grande trânsito ao mesmo tempo de gente a pé, já não passam carros e cavaleiros.

A ponte nova de 135 braças de comprimento por falta de travejamento também treme às vezes bastante, tendo um terço menos de largura que a antiga, em cujo arco do lado do Norte e pouco digno de atenção há duas inscrições, uma em cada um dos pés em baixo, que juntarei.

Tornei a embarcar deste lado na galeota por uma rampa imundíssima e fedorenta, e fui ver se rodeava a ilha de Santo Antônio; mas depois de muitas dificuldades por causa da bare [sic] que baixava, obrigando os marinheiros a entrar na água para arrastar a canoa do comandante do Xingu <sup>068</sup> 1º tenente Nolasco Pereira da Cunha, para onde passei da galeota que ficou enalhada perto do lugar dos Coelhos; tivemos de parar pouco depois de ter passado por baixo da ponte dos Afogados, por estar todo o caminho tomado pelo fundo do rio, que aparecia em quase toda a parte.

Desembarquei e fui a pé até a Igreja dos Afogados, vendo parte do arraial que não é feio. Mandeí buscar os carros; mas o engenheiro da estrada de ferro Peniston, que me acompanhava por ter apresentado um projeto de melhoramento, que julgo inaceitável e ofereceu-me um trem da estrada de ferro, que tem uma estação nos Afogados, e vim em 6 minutos desse lugar até a estação no forte das 5 Pontas, tendo levado 3 minutos a atravessar devagar o viaduto da Cabanga, que eles hão de aterrar para dar passagem à estrada de ferro, passagem menos perigosa pela parte da fortaleza do viaduto. Pouco adiante das 5 Pontas encontrei os carros.

Às 5 e 10 da tarde, saí chegando à povoação da Várzea às 6 e 20 minutos, andando parte do caminho depressa, e vendo bem no trajeto a casa de vivenda, que parece nova, do Engenho do Meio, um dos que pertenceram a Vieira. Entrando na povoação logo à direita, está a Igreja do Rosário dos Pretos, e ficando no lado fronteiro da praça oblonga e bordada de casinhas a do Rosário, e no lado esquerdo da praça a do Livramento.

Segundo disse o Vigário, as duas primeiras foram fundadas por Vieira, e a última pouco depois. Na 1ª disse que era tradição que Felipe Camarão fora enterrado na capela-mor no canto do lado direito do altar-mor olhando para este. O chão é ladrilhado, não tem indicação e o Vigário ficou de mandar escavar para ver o que acha.

Perto da 2ª igreja, à direita de quem a olha, – todas são pequenas porém a maior a matriz desta – mostrou-me o vigário uma porta em ruínas, que o vigário disse constar ter sido da casa de Vieira. Examinei os tijolos e pedra da soleira, que está destacada, quanto permitiram uma lanterna do carro e uma vela; porém nada descobri por todos os lados, e o Pedreira ficou de aí voltar; trouxe dois pedaços de tijolo para lembrança.

Manuel Cavalcanti <sup>069</sup>, irmão do Albuquerque, que foi me encontrar, disse que no engenho de São João, que pertencera a Vieira e é agora onde ele reside, nenhuma obra sólida encontrara, que indicasse ter sido do tempo do Vieira.

Às 8 ½ fui ver as aulas da Sociedade de Artes Mecânicas e Liberais, cujos estatutos juntos, e funcionam no consistório da Igreja de São José de Riba-Mar. Tem 38 alunos, e aulas de 1ªs letras, francês, aritmética e geometria, arquitetura e desenho de ornatos. Há pouco adiantamento, mas algumas aulas trabalham há poucos meses, e os professores, à exceção do de francês, não me parecem bons.

O diretor queixa-se do serviço da Guarda Nacional destacada que distrai grande número de alunos.

Recebe um conto e tanto por ano do cofre provincial, e as quotas dos sócios, que andam por 60. Merece proteção esta instituição, cuja existência foi quase preciso que a adivinhasse; pois não posso ter presente tudo o que leio nos relatórios dos presidentes, e passando pela altura da Igreja de São José de Riba-Mar, e perguntando sem indicação é que soube que aí havia essas aulas.

A antiga ponte da Boa Vista feita pelo Conde de Nassau ocupava parte dela o terreno em que se eleva a Casa de Detenção, tendo a ponte atual 90 braças de comprimento e bastante para baixo do local da antiga, de que não há vestígios. O cais do Palácio carece de ser concluído.

De tarde cá estive o daguerreotipista Stohr <sup>070</sup>, e trouxe consigo um suíço surdo-mudo desde a idade de 2 anos, que fala alemão com o Huet <sup>071</sup> francês e só sente pelo tato comoção do ar produzida pelo som, apresentando grande sensibilidade por qualquer vibração do ar no peito.

### **30 de novembro de 1859**

Às 6 fui ao Guararapes, distando o lugar do Boqueirão por onde passei depois de deixar à direita a estrada do sul seguindo até então, 6 mil e tantas braças do Recife.

Os alagados dos Corcuranas têm-se apertado pelos aterros, e os montes têm bastante piçarra apresentando uma barreira a prumo que se vê da Igreja dos Prazeres. Camadas de giz, segundo me disse o Rego Barreto cunhado do Sá Albuquerque, indo os urubus comer a terra da barreira. As águas retalham muito os montes, e sobre a encosta e cimo de um encontrei bastantes das pedras, mas pequenas – de que fala o CASTRIOTO LUSITANO <sup>072</sup>, levo algumas.

A estrada dos Prazeres passa por detrás dos morros, tornea o caminho do Boqueirão, que ainda hoje se chama de Batalha. Deixamo-lo, subindo por um monte de piçarra à direita para ir mais depressa à Igreja dos Prazeres, que se acha muito bem situada, com algumas casinhas ao pé, e uma de sobrado construída por frei Antônio da Rainha dos Anjos, monge Beneditino, que aí reside; porque as terras da Igreja a adro foram doadas aos Bentos pelo General Barreto de Menezes com a condição de dizerem diariamente uma missa pela alma dos Independentes mortos nas batalhas dos Guararapes, condição que por muito tempo não cumpriram, pretendendo por isso o vigário da Muribeca a cuja freguesia pertence, reivindicar as terras e a Igreja dos Prazeres.

É bom templo de duas torres, e aí achei as inscrições que estão transcritas nos papéis anexos, assistindo à missa histórica dita pelo Frade mencionado.

Depois subi a uma das torres, a do sul para gozar de bela vista, e descobri a casa de vivenda do Engenho Novo que hoje pertence ao Portela, irmão do lente e do diretor da Instrução Pública da Província, e foi antes dele do Dr. Antônio Moraes e Silva, autor do Dicionário, de que concluiu uma edição nesse engenho da freguesia de Muribeca.

O rio Jaboatão corre perto do engenho e no verão quase que seca; nos canaviais desse engenho estiveram emboscados os Independentes antes de se travar a 2.<sup>a</sup> batalha, ocupando os holandeses os morros sobranceiros ao Boqueirão.

Descendo da altura da Igreja dos Prazeres, entrei daí a pouco em terras do Engenho Guararapes de Lourenço de Sá Albuquerque <sup>073</sup>, um seu irmão e o cunhado Rego Barreto, dizendo-me este que perto da casa de vivenda havia um alagado em que se pescaram boas curimãs no tempo do sogro, que na seca de 1824, aproveitou a gente ociosa por ser nenhuma ou quase nenhuma a produção de cana, em abrir uma brecha que esgotou grande parte dos alagadiços. O engenho é movido por animais porém tencionam introduzir para o ano o motor de vapor.

Da casa de vivenda descobre-se bem o Engenho Novo e perto dele acharam-se cachimbos de barro como os dos holandeses, e em terras dos Engenhos dos Guararapes pouco distante da casa para o lago do Engenho Novo, que daquele se avista, uma bala de artilharia, que levo, tendo-se já encontrado outras, principalmente de barro. A casa está situada numa planície e talvez no terreno do lado esquerdo da estrada da Muribeca vindo para o Engenho dos Guararapes, que chamam em alguns pontos “olheiros d’água”, talvez se atolasse o cavalo de Fernandes Vieira.

Não sabem qual o monte do Oitizeiro que julgo deve ficar por detrás dos que margeiam o Boqueirão, sendo no vale que estes últimos formam com os primeiros que a 2.<sup>a</sup> batalha se tornou mais encarniçada, perdendo os holandeses em mortos cerca de um terço de sua força, e os Independentes cerca de um décimo, segundo leio na obra de Netscher <sup>074</sup>. O terreno há de ser melhor estudado pois deve levantar-se no lugar do Boqueirão um pequeno monumento com os nomes inscritos de todos os oficiais do Exército dos Independentes, que a história menciona como tendo assistido às 2 batalhas dos Guararapes.

Um negociante americano de nome Foster disse-me que tinha uma garrafa cheia de leite que dão os ramos da mangabeira e toma consistência de goma elástica se lhe mistura sal; a raiz da mangabeira é usada como purgante.

O Rego Barreto disse-me que havia por estes campos muitas raposas, como as da Europa, sendo a caça delas com cães, grande divertimento dos estrangeiros e de alguns fazendeiros.

Vim tomar a estrada de ferro na estação dos Guararapes e da principal das “5 Pontas” segui em caleça para casa <sup>075</sup>.

Depois das 5 da tarde fui à fábrica de fundição do Starr na rua da Aurora. Foi estabelecido em princípios de 1829; tem 60 e tantos trabalhadores, sendo 40 nacionais e 10 escravos do Starr, queixando-se aqueles do serviço da G. Nacional, e motor de baixa pressão de 12 a 16 cavalos. trabalha de 6 da manhã a 6 da tarde com intervalo de meia hora para almoço e uma para jantar os trabalhadores, fechando-se aos sábados às 2 da tarde. Faz todas máquinas, tendo sido aqui construída a primeira máquina de vapor que se fez no Império; para o Engenho Caraúna de Sousa Leão (Domingos) segundo me disse o Starr, sendo o já número dessas máquinas feitas na fábrica de 14 a 15. A maior fundição que tem sido foi de 7 toneladas para o sino hidráulico que vi no Arsenal de Marinha, ocupando o metal fundido dois dos três fornos grandes, trabalhando agora com um pequeno. São alimentados por um ventilador, havendo outro para as 14 forjas.

Vi uma roda grande de ferro para mover inferiormente por água, tendo-se feito maiores e também de cubos na fábrica, para a refinação estabelecida no Monteiro, sendo obras da fábrica a ponte do Varadouro de Olinda de 80 palmos de

comprimento e o portão de Cemitério que é muito bonito, e cujo risco feito na fábrica me mostraram, assim como vi outro desenho de máquina ambos muito limpamente feitos.

Tem uma oficina de molde ocupando os feitos grande espaço, tirando-se a areia para eles de Tacaruna e ilha do Suassuna, sendo a do 1.º lugar melhor. Usa estufa com trilhos para os moldes, e um guindaste de suspender 7 toneladas para o manejo do colherão da fundição.

Há bastante obra feita, e entre ela um barco de ferro para a Empresa Cambrone, a maior parte encomendada; mas o Starr queixa-se da nova tarifa como prejudicial à fábrica. Tem muitas máquinas que julgo serem as seguintes: de cortar e furar chapas de ferro – de ver folhas do mesmo metal, de marcar nas chapas a linha do corte que se faz depois a martelo – 6 tornos sendo dois de fazer parafusos – de aplainar peças de 10 pés de extensão – de abrir lugar para cunha nos rodetes – de pequenas brocas – de abri-las de um pé de diâmetro. Tem espaço para construir 2 navios não muito grandes, ao mesmo lançando-os na água com preia-mar, havendo um canal do rio dentro da fábrica no qual entram os barcos, passando por baixo de uma ponte que atravessa a rua, e vi um de ferro com água que é tirada por bomba para os diversos misteres do estabelecimento.

Das 9 e meia por diante tive despacho. À noitinha estiveram aí os pescadores da Cabanga com sua jangada e presente de peixes e frutas.

### **1 de dezembro de 1859**

Saimos antes das 6, para a estação das 5 Pontas, mas chegamos lá depois das 6, tendo havido alguma demora na estação, pelo que largou o trem, só, às 6 e 34 minutos.

Até a estação dos Guararapes 12 minutos, e depois passamos de Pontezinha [sic], altura de Barra de Jangada, à esquerda formada pela confluência do Jaboatão e Pirapama, estação da Ilha – ilha engenho do Pessoa Cavalcanti – onde por contrato tem a companhia a sua fábrica por maquinismo movido por vapor, de fazer tijolo sendo bom o barro.

Rio Pirapama com sua ponte de ferro à esquerda, do mesmo lado do Sequeiras e as barreiras do Cabo de Santo Agostinho; do lado direito mais adiante Engenho do Visconde da Boa-Vista; casa grande de vivenda com capela no centro da fachada; do lado esquerdo, Engenho Santo Inácio de Luís Felipe de Sousa-Leão; do lado direito mais adiante Engenho Novo do Portela; e mais longe sobre uma bonita encosta o engenho Barbalho, em cujas terras estão as oficinas da Companhia, e enfim Cabo, onde chegamos com 37 minutos de caminho de 19 milhas inglesas ou 4,75 léguas.

Demorei-me na estação algum tempo, enquanto se aprontava tudo, e colhi as seguintes informações: trabalham na 2ª seção, do Cabo a Escada, 1650 a 1700 trabalhadores a maior parte brasileiros, não havendo já escravos, segundo me disse o fiscal do governo Street.

Vi a planta da seção do túnel de Utinga, que tem 14 pés na maior largura e 12 ao nível da estrada, e maior altura de 16, compondo-se de 3 curvas circulares, de que as laterais têm o dobro do raio da superior. A sua extensão é 526 e por causa do terreno ser de granito em decomposição, carece todo ele de revestimento de tijolo. O ponto culminante do terreno superior do túnel excede-se em altura 200 pés.

Dentro de duas semanas vagões com passageiros poderão atravessá-lo, havendo para condução de materiais em carros puxados por locomotiva 2 milhas até o túnel, e 2 milhas depois deste, só com a interrupção do túnel.

Não há nada pronto para a condução de passageiros, além do que vai do Cabo às oficinas muito perto; porque tem-se ocupado segundo disse o Penniston com o preparo do leito da estrada.

Voltando ao Cabo, o Street disse-me que até o morro do Pavão onde se abre o túnel, que encurta muito a estrada, pois na volta levamos bastante tempo a andadura puxada a rodear o morro, não há rail [sic] assente; do Pavão a Utinga vão começar, segundo ele crê, a por trilhos no mês que vem; de Utinga a Olinda não há rails, e é preciso fazer uma bomba ou bueiro grande de 7 pés de abertura para passagem das águas em Olinda. Há ballast onde se abre uma mina que me fizeram ver, à esquerda da estrada ao passar, dizendo ter 40 pés de fundo, e a altura necessária para um homem trabalhar a fim de desmontar um pedaço [sic] de morro com pólvora; mas é de areia muito fina o que não presta.

Não se tem lucrado, segundo o mesmo Street, com a abertura dum túnel pouco longe em Cutrim para facilitar a cova, que se está fazendo aí. O assento da estrada está pronto até Escada, faltando em Timboassu a abertura duma cova inteira em pedra de 150 braças de extensão, falando-me o Penniston do preparo de 400 braças em Timboassu, a 1 ¼ légua de Escada.

Quatro locomotivas; 1 vão de 1.ª classe, de 2.ª não sabe com certeza talvez 5, e de 3.ª dois, dos quais 1 mau que serve

só no caso de necessidade, ambos de 20 pessoas, tendo chegado 2 novos de 24 pessoas, tudo da fábrica de Richard Stephenson. Uns 4 maquinistas e igual número de foguistas, dos quais um bom nacional, sendo o serviço bem-feito e por nacionais.

Perguntando ao Street qual a madeira dos dormentes, disse-me não conhecer as madeiras da terra, quando depois o Penniston disse-me ser o larch.

Os trilhos não me pareceram bem assentes, oferecendo depressões muito sensíveis, à vista e nos balanços, que são grandes pouco para cá da ponte dos Afogados.

O túnel do morro do Pavão faz muita água, e vai atrasado o trabalho, tendo-o atravessado aliás todo a pé mas com custo por causa das cabeçadas e topadas querendo evitar a muita lama.

Para diante de Olinda há cortes consideráveis e derrocaram com fogo uma massa de pedra, que caiu da altura de 30 pés. Tive que desviar-me muitas vezes, mas em larga distância do leito da estrada de ferro.

Na volta mostraram a casa de purgar do engenho de Utinga, onde se reunia a espécie de lynch americano, que mandou enforcar o assassino do Juiz Municipal do Cabo, Duarte; os criminosos foram absolvidos pelo júri por falta de provas segundo ouvi, a quem me recordou esse fato lamentável.

Na locomotiva não tem assobio e quando larga, passando por cima de uns foguetes fã-los [sic] estalar.

O Law, que foi, diz que a companhia não cumpriu a promessa que fizera, em virtude do exame que já fizera o Law dessa estrada, de reparar e evitar alguns dos seus defeitos; verei o relatório.

Estão atravessando o viaduto do Cabanga, mas a estrada fica com essa volta porque a companhia alega falta de dinheiro para fazer, aterrando a estrada direito; pouco além da estação das 5 Pontas pareceu-me observar uma volta forte; não senti o vagão inclinar-se durante todo o trajeto.

Visitei as oficinas da Companhia, indo do Cabo até lá e voltando em vagão. Estão muito bem montadas para obra de carpintaria, e sofrivelmente para a de ferro. Tem 40 trabalhadores nacionais e 20 a 25, [sic] sendo os 100 serventes empregados nas oficinas e dependências todos nacionais.

O Penniston disse-me que está organizando uma escola para ensinar diferentes ofícios.

Há máquinas: de aplainar passando umas tábuas ordinária 2 vezes uma por cada banda; outra para fazer as juntas das tábuas; verruma; goivas, 3 serras circulares – 2 maiores e 1 menor – e outra vertical, pequena e estreita para cortar em curva; tornos; para parafusos; para peças pequenas; duplo para grandes; e outro para as médias; verruma, e 2 plainas para ferro; uma vertical e outra horizontal, sendo esta para peças grandes. O motor é de 25 podendo elevar-se 40 cavalos. Tem 4 forjas, e um poço de que se tira água para caldeira do motor, e tanque das locomotivas.

Vi um estrado de ferro montado sobre trilhos, assentes nas oficinas, para levar e trazer às oficinas os carros dos armazéns e os trilhos da estrada. Tem um ventilador para todas as forjas. Os vagões fazem-se de camaçari, madeira das matas de Pernambuco, que dura muito e não fede.

Depois das 5 e meia <sup>076</sup>, fui à Fábrica de Bowman no cais do Apolo. Bowman está na Inglaterra, achando-se agora à testa da fábrica o pernambucano Francisco Manuel dos Santos Lima, que julgo ser sócio dele. A fábrica data de 1835. Tem 2 fornos, um maior de 2 toneladas de fundição e outro menor de 20 arrobas, que empregam em fundir o bronze. Há um guindaste de suspender 3 toneladas para o colherão da fundição, e mais 2 no cais, a que podem os navios atracar com maré enchente; um de 2 e outro de 1 ½ toneladas. Tem 56 trabalhadores todos nacionais e livres. Tem um ventilador movido por vapor que toca todo o maquinismo da fábrica, de 6 cavalos, que tem caldeira de sobressalente. Usam para moldes de pinho, amarelo e cedro, depois de deixarem a madeira secar no próprio. A areia vem dos mesmos lugares donde a tira o Starr, e há duas estufas com trilhos para secar os moldes. A maior peça fundida pesava 200 arrobas. Faz moendas e já fabricou 3 máquinas de 6 cavalos para engenhos. Uma máquina com moendas e seus pertences da força de 6 cavalos custa 6 contos; mas a barateza do Starr explica-se, segundo informou o Lourenço de Sá e Albuquerque, pelo mal-feito da obra, sendo a do Bowman melhor conforme ouvi ao Boa-Vista.

Há máquinas: hidráulica para tira os aguilhões dos tambores; 2 tornos unidos, e 1 separado, outro parafusos; máquinas de aplainar peças grandes; de furar chapas; de cortar e furar; torno para furar; 2 tornos de aplainar brocas; de curvar chapas; um guindaste de levantar 2 toneladas, outros 3 portáteis de 1 ½ tonelada para correrem sobre trilhos.

Existe uma marcenaria para moldes com 3 oficiais, andando a despesa ordinária por dia com moldes por 16\$000; a fêria semanal da fábrica monta a 400\$000. Os moldes guardam-se no forno, sendo o espaço muito menor, que o destinado para tal fim na fábrica do Starr.

Tem um armazém para o outro lado da rua com bastantes obras feitas principalmente moendas, sendo algumas vindas da Europa. As tachas para os engenhos vêm de fora porque as feitas aqui quebram-se muito.

Recebe muitas encomendas.

Não se queixam da tarifa nem do serviço da Guarda Nacional.

De noite passaram 2 batalhões patrióticos, um deles de pretos com um chefe representando Henrique Dias, sendo por outros cavaleiros figurando Vieira e Negreiros e Camarão.

### **2 de dezembro de 1859**

Foi todo oficial <sup>077</sup>, descansando relativamente aos outros dias e podendo ler alguns papéis e publicações que dizem respeito à Província.

A Guarda Nacional <sup>078</sup> tem ar militar e não marcha mal, faltando-lhe contudo exercício.

### **3 de dezembro de 1859**

Saí para Olinda pouco depois das 6 e passei pelo lugar das Salinas <sup>079</sup>, que me ficava para a esquerda, a 37 m do Recife pela estrada do Norte.

A água do mar lava esse lugar e o terreno depois dela o deixa ficar esbranquiçado. O trecho pouco adiante do estabelecimento Cambrone à direita da estrada, parece ter sido o lugar do Forte da Bateria.

Na estrada de Olinda havia um pavilhão, onde recebi as congratulações e chave da cidade por parte da Câmara <sup>080</sup>, e fui por ladeiras um pouco íngremes para a Sé, que fica para o extremo oposto.

É uma bela igreja de 3 naves, porém baixas, separadas por colunas, que estando caídas não pude reconhecer se eram monólitos conforme diz o Jaboatão; junto uma nota a respeito desta Igreja.

Encontram-se nesta Igreja as sepulturas de D. Tomás da Incarnação, Bispo falecido em 1784; de D. Matias de Figueiredo e Melo, Bispo morto em 1694 com 40 anos de idade, e de D. Francisco Xavier Aranha, morto em 1700 e tantos; este não tem epitáfio, e são informações.

Na capela do Santo Cristo da Sé, cuja imagem foi presente do Rei de Portugal em 1684 ou 1685, está a sepultura de D. José Maria d'Araujo, que morreu segundo disseram-me – a lápide não tem era – em 1808.

Depois de recolher-me à casa, que foi primeiramente casa dos governadores havendo na casa para a guarda ao pé a data de 1732, depois Curso Jurídico quando saiu de São Bento, e agora da Câmara, quando o Curso se mudou para o Recife, e que é grande e de sobrado, fui ao Convento dos Bentos, excelentemente situado, tendo-o quase renovado o atual Abade baiano, da família do Paim <sup>081</sup>.

É vasto e a Igreja boa, tendo sobre a porta a era de 1761, mas o Convento é mais antigo. O Livro de Tombo é de 1764, e tem agora uma demanda com a Câmara por causa dos terrenos de marinha, que são muito procurados para banhos, dizendo que tem título claro de propriedade, que consta do Tombo. O muro da cerca do Convento está no lugar em que os holandeses levantaram o Forte de Santa Cruz, e creio que foi ele edificado num teso que o muro coroa do lado de sueste, e descobre-se muito bem seguindo pelo istmo para o Recife, cuja comunicação com Olinda era interceptada por esse forte. Corri todo o convento, estando na sala de frei Miguel do Sacramento Lopes Gama <sup>082</sup>, que é agora ocupada pelo lente do Curso Jurídico Dr. Nuno <sup>083</sup>, que desde estudante mora por favor no Convento. A renda do convento é de 30 contos anuais, sendo 15 só de prédios e possuindo 3 engenhos.

Fui depois à Igreja da Misericórdia, cujo adro talvez seja o ponto mais alto da cidade, tendo aí tido lugar um renhido combate entre os portugueses e holandeses, morrendo o capitão daquelas o valente Temudo, e logo no chão de tijolo da capela-mor à esquerda e pouco para dentro do arco cruzeiro, descobri uma lápide de mármore já gasto, onde não há sepultura, que se supõe de Fernandes Vieira, senão as armas esculpidas, que abaixo copiei, tendo o Provedor da Irmandade da Misericórdia Antônio Joaquim d'Almeida Guedes Alcoforado, como ouvi ao próprio filho, removido os ossos dessa sepultura para outra igreja, que não soube dizer-me qual é, para pôr o corpo do filho, tendo-se achado uns sapatos velhos, segundo ouvi a outrem, não se lembrando de tal fato o filho do Guedes.

Vieira morreu em Olinda na Rua de São Bento, ninguém sabendo hoje qual a casa, segundo os historiadores; mas o Silvino <sup>084</sup> disse-me que falecera na sua casa de Maranguape, que ainda existe defronte da Igreja Matriz dessa freguesia, que ele fundara, vindo enterrar-se em Olinda.

Conforme o mesmo informante, consta que o Comandante do Pau Amarelo, Salvador Coelho Drumond e Albuquerque,

possui muitos manuscritos curiosos dessa época, entre os quais o testamento de Vieira, sendo ele seu descendente por bastardia pelas relações que Vieira tivera com a filha de Matias de Albuquerque, cumprindo examinar tudo isto.

O patrimônio da Misericórdia em 1850 de que vi um quadro era de 30:644\$143, rendendo 3:133\$633 por ano; mas a maior desordem tem reinado nas administrações, havendo consideráveis malversações, e só desde que entrou a atual mesa é que vão se restabelecendo os negócios, e já deliberou restabelecer o hospital que se fechou em 1855, desde que tiver reparado os prédios do patrimônio e construído as catacumbas para os irmãos no cemitério, que tem um bonito portão de ferro; mas ainda não está senão cercado de paus, sendo o terreno bom, ainda que se abrem as sepulturas depois de um ano.

O provedor da atual Misericórdia é o tenente-coronel Passo e Silva <sup>085</sup>.

A casa do Hospital junto à igreja não é pequena, e agora dão os quartos para moradia de pobres.

Visitei em seguida o Seminário, antigo Colégio dos Jesuítas, fundado em 1576. O Seminário, instituição do bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, cujo retrato renovado está na sala das aulas com a seguinte inscrição de quem retocou – Jm. Je. Carvalho Figueiredo Varejão fecit in anno 1885 – apagada a antiga de modo que não pude descobri-la, abriu-se a 16 de fevereiro de 1800.

Tem 2 lanços reparados em 1853, ameaçando outros 2 ruína, constando-me o capricho ser que o bispo esteja gastando a renda da Mitra com a Igreja de São José, em lugar de consertar o Seminário.

A igreja por outras razões ainda, carece de outro pastor mais inteligente, tendo ouvido falar muito bem do cônego Tavares Gama, que não sei se é português.

O seminário pareceu-me bem arranjado, sendo diretor de parte literária o cônego Faria, ex-deputado.

O Palácio Episcopal, consertado e acrescentado em 1821 por D. Tomaz de Noronha, o bispo resignatário, está quase inabitável apesar de muito bem situado. O palácio do 1º bispo D. Brioso foi num sobrado, que hoje foi legado por um cônego ao Cabido na rua de Matias Ferreira, perto de outro onde morava o atual bispo do Rio (padre Monte). Tendo a Câmara, segundo é natural, já construído nova casa na Rua da Cadeia, cedeu a sua para Palácio do Bispo, não sabendo qual a data da construção desta, que foi a reparada e acrescentada por D. Tomaz de Noronha, que aí morou sempre.

O Convento de S. Francisco, mais antigo que o da Bahia e fundado em 1585, tomando os frades posse dele a 4 de outubro desse ano, depois de morarem numa casa junto à Misericórdia do lado esquerdo olhando para ela e já na descida, e de que só restam paredes denegridas, é um belo edificio, tendo no frontispício da Igreja: Ano de 1724. O teto do corpo da Igreja é apainelado com pinturas nos painéis e talha dourada, sendo a Capela da Ordem 3ª uma espécie de igreja com a capela-mor toda dourada, tendo o teto do corpo como o do da igreja dos frades. O claustro é grande e encontram-se a sepultura do servo de Deus Frei JUZEPH de S. Antônio Pe. an. 1686; e pouco adiante sem epitáfio a de Frei Antônio Tararipe, morto com fama de santo milagroso e de profeta do que se passaria no Recife.

A sacristia tem uns grandes ornamentos com obra de talha em jacarandá, que pintaram para ficar preto, que admira pela delicadeza, é digno de ver-se com mais vagar.

Do 1º andar, vi melhor para o lado onde poderia ficar um reduto que houve na guerra dos holandeses, entre a vila (de Olinda) e S. Francisco; na vereda que guia para o Rio Tapado e Rio Doce, caminhando pela praia nessa direção, encontra-se o forte chamado Monte-Negro, mas não fica entre a vila e o Convento, e talvez estivesse colocado no caminho do inferno, vereda muito estreita que está em caminho para o Tapado e Doce, por entre S. Francisco e o Seminário, ainda que a cidade se estenda para aí quase desde S. Francisco; para o lado do Recife e da praia vi um reduto, que ficaria entre o convento e a vila de Olinda; mas disseram-me que era de 1815.

Na cerca de S. Francisco teve lugar o encarniçado combate entre os holandeses e os soldados do capitão Salvador de Azevedo.

Às 2 ½ tornei a sair e fui ao antigo passeio público, terreno provincial outrora com belas mangueiras, que a Assembléia Provincial para não gastar com a conservação mandou pôr em hasta pública, tendo-se comprado por 2 contos em 5 prestações de 400\$000 cada ano. Consta que o comprador fez uma transação com o Dr. Feitosa que é agora o verdadeiro dono, dando-lhe a renda do terreno para pagar as prestações!

Vi a Casa da Câmara antes de ela mudar-se para o antigo Palácio dos Governadores. Está muito arruinada e aí achei 3 quadros de batalhas pintados a óleo em pau; um em cada uma das três paredes, que não a da porta de entrada, para que se sobe por uma escada de pedra da parte de fora, que vai ao 1º andar; o da esquerda representa a Batalha das Tabocas, aparecendo a fuzilaria por detrás das tabocas e uma árvore grande e copada sobre o ponto mais alto dos morros, com a

seguinte inscrição em tinta branca no painel: Para que a memória da feliz ventura que afeançamos nesta pr<sup>a</sup> batalha das Tabocas não fique ao esquecimento do tempo (que este acaba tudo o que não é continuado aos olhos. E assim vê a ser esquecido) mandaram os senhores Senadores que serviam este presente ano de 1709 sendo juiz de fora, o Dr. Luís de Valençuela Ortiz, vereadores o capitão Pedro Cavalcanti Bezera, Manuel de Moura Rolim, o capitão-mor José Camelo Pessoa, procurador Fernando Bezerra Monteiro, perpetuar a memória destas batalhas nestes quadros, para notícia dos que nasceram nos vindouros séculos, e assim mais todas as pinturas que há nesta casa para adorno dela, sendo tudo para maior honra, louvor, glória de Deus e nosso. Amém.

Os outros quadros representam as batalhas dos Guararapes e a inscrição do quadro que parece da 2<sup>a</sup> batalha, indica por números as figuras em ambos. Mandei copiar estas duas últimas inscrições que juntarei. Nossa Senhora aparece com o Menino nos braços, no alto dos 3 quadros, que parecem ter sido retocados, assim como as inscrições; a pintura é muito melhor que a das outras representações das Batalhas dos Guararapes, que já tinha visto.

Fui ao Aljube, em cujo frontispício se lê a seguinte inscrição sob as armas que parecem do Bispo mencionado – Publica peccantes Xaverii Aranha opera et zelo a Fundamentis constructu Anno 1765 –. Os presos dos crimes menos graves estão aí.

A 1.<sup>a</sup> prisão cheira mal por causa do esgoto cujo cano está entupido, tem 3 presos; a 2.<sup>a</sup> tem um casal de pretos fugidos. Estão ambas no andar de cima e são boas. Duas prisões embaixo uma grande e outra menor sendo preparadas; porque estão muito sujas e arruinado o assento da alvenaria das tarimbas. No centro da grande, com chão ladrilhado de tijolo, está porém uma cadeia de ferro, com bastante ferrugem.

Vi todos os livros menos o das visitas, apesar de pedi-lo.

A diária é de 200 réis e havia 3 dias que os presos nem a tinham nem comida; comendo o que podiam arranjar por favor; por isso estava fazendo inventário; foi a desculpa que me deram!

Subi à Igreja do Monte que é sofrível e de cujo local se descobre da parte de frente o Recife e toda a várzea, vendo-se bem a olho nu as torres da Igreja dos Prazeres de Guararapes, que já me tinham mostrado numa cela de São Bento, e no fundo numa varanda alto do lado direito da Igreja, o lado do Rio Doce e Itamaracá, distinguindo-se a olho nu a Matriz de Maranguape, sentindo muito não ter avistado com o óculos, por causa de um matinho, a casa de João Fernandes do lado fronteiro e pouco para a esquerda da Matriz.

Assisti à aula do professor de São Pedro Mártir, Salvador Henrique de Albuquerque, com 127 matriculados e 90 freqüentes; pareceu-me bom mestre e os meninos sofrivelmente adiantados menos na aritmética. Há 4 aulas duas em cada freguesia da cidade (S. Pedro Mártir e S. Pedro Apóstolo) uma de meninos e outra de meninas.

Fui depois ao convento do Carmo, em ruínas, queixando-se-me o religioso de que o da Bahia cuja Província pertence, lhe tirasse todos os meios de consertar o convento; a igreja é boa. Foi fundada em 1590 por frei Pedro Viana, no lugar da Ermida de Santo Antônio que era particular. A concessão do terreno foi de Filipe Cavalcanti capitão e logo-tenente da Capitania de Pernambuco, sendo a data da concessão de 15 de setembro de 1590, no mesmo livro já pouco lisível [*sic*] se vê uma concessão de terras, com data de 1580, feita por d. Beatriz Capitôa [*sic*] e governadora desta capitania.

Finalmente fui ao Recolhimento, vendo ao atravessar a ponte do Varadouro, a vala do mesmo nome que se abriu porque tendo-se dado passagem constante as águas pelo Arrombado, não haveria mais água necessária para Olinda, tendo se por isso dirigido as águas do Beberibe por meio do Varadouro para Olinda. A água trazida de cima e principalmente da povoação de Beberibe, é boa; mas a de baixo é má pelo menos logo depois de colhida. O Varadouro convirá aprofundá-lo para não trazer pouca água para Olinda; dissecado porém a melhor água de beber logo servindo é a da bica do Rosário, com duas torneiras, que no verão não tem senão muita pouca água, carecendo de melhoramentos para reunir maior massa d'água.

Logo adiante está o Recolhimento de Santa Tereza dos órfãos que eram 58, tendo saído ontem 1 por doente. Disse-me o administrador que a Igreja há mais de 150 anos, lendo-se na história que fora resultado dum voto na Batalha das Tabocas, tendo a Igreja a invocação de Nossa Senhora do Desterro. Os Terézios ocuparam o seminário, que era seu convento.

Os meninos, pela maior parte, são macilentos e com ares de doente, atribuindo-se aos pântanos vizinhos. Aprendem as 1.<sup>as</sup> letras e música. Um estava bastante adiantado, mas a aritmética sempre é o que extraordinariamente menos sabem. Alguns instrumentos puxam demais pelo peito dos rapazes, e convém ensinar-lhes melhor a aritmética e princípios de geometria aplicada às artes, que devem aprender em geral.

Da Igreja do Monte vêem-se umas barreiras com camadas bem claras, abundando segundo ouvi em giz, ainda que me pareça antes tabatinga, e todas escalavradas pelas águas; é um espetáculo digno de ver-se.

Olinda está morta como cidade; porém pode florescer tornando-se arrabalde de Recife, sobretudo se houver caminho de ferro de Olinda ao Recife, ouvindo que o Bowman está em Inglaterra, não quer empreender a estrada sem novas condições; seria bom ver se ressurgia essa empresa.

Consta-me que há um olho de boa água onde D. Maria I mandou fazer um chafariz; mas não sei se é a mesma bica do Rosário.

Olinda <sup>086</sup> tem 21 igrejas, mas a Bahia tem 85 segundo ouvi.

À noite de volta ao Paço do Recife, estive com o Dr. Sarmento cuja memória sobre a meteorologia do Recife vai anexa, mandando-o falar ao Mello para se examinarem algumas de suas asserções, que causam reparo.

#### **4 de dezembro de 1859**

Fui aos quartéis do 4.º de Artilharia, comandante Higino José Coelho, e 9.º de Infantaria, José da Silva Guimarães, na Soledade e 10.º de Caçadores, comandante Coelho Kelly, no Hospício.

Achei que convinha rasgar mais as frestas do xadrez do 1.º quartel, tremendo muito o assoalho numa sala no 1.º andar. Tanto neste como nos outros quartéis há escola, apresentando os soldados algum adiantamento, e queixam-se de mau fornecimento dos arsenais, principalmente do pano para o uniforme ordinário que é vazado, e das pequenas dimensões do fardamento de brim e algodão. Os sapatos, a não serem os de Fernando, não prestam, e nos dois últimos quartéis o pano dos bonés é mau e desbota logo.

Tem gás já nos quartéis dos 9.º e 10.º, e falta água em todos, apesar de tê-la perto, havendo já ordem para encaná-la para o do 9.º, e pedido para o do 10.º.

A limpeza dos quartéis faz-se em cubos de pau, estando entupido o cano de esgoto do quartel do 10.º; por isso que julgaram dever fazê-lo para não haver mau cheiro, convindo desobstruí-lo e fazer as obras necessárias para não tornar-se foco de infecção.

Os gêneros não são todos em nenhum dos quartéis, e as armas são velhas, não tendo alguns dos cães das reservas pederneiras; e achando-se em geral pouca limpeza por fora e por dentro; do Arsenal vem por consertadas algumas cujo cão não bate na caçoleta.

As camas são de ferro, mas com tábuas. Apesar de não haver grande diferença no arranjo de tudo o que pertence aos quartéis, sempre darei a preferência ao do 9.º. Enquanto estava neste quartel choveu. O comandante do 9.º parece mais verdadeiro militar.

Às 5 e 10, parti caminho do norte, e às 8 menos 10 cheguei a Monjope, fazenda do Dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha <sup>087</sup>, que é grande, bem situada, o que não admira pois foi dos jesuítas; o Monjope é o braço mais forte do Igarapé; a fazenda dista do Recife 4 ½ léguas. O caminho tem subidas e descidas a princípio; mas é de carro, e torna-se plano quase que em toda extensão; larga-se a estrada do norte para entrar para o engenho, que pouco dista dela. Passei pela altura do engenho Paulista à direita, onde começou a revolução de 1824, e pela Maricota, e à margem do Timbó divisa do termo de Olinda do de Igarapé, encontrei o Dr. Manuel Joaquim Carneiro da Cunha e as autoridades do termo.

Do Timbó para diante começa a estrada do contrato chamada, e a obra pelo que pude julgar, já sendo escuro, e não alumando bastante a lua por causa das nuvens, tendo nos apanhado um pequeno aguaceiro, e chuveado, não vai mal-feita.

Sinto-me fatigado e preciso de repouso.

#### **5 de dezembro de 1859**

Cheguei a Igarapé às 5, tendo saído de Monjope às 5 e ½ e seguido por um atalho. Fui logo à Matriz, que só tem de notável os 4 quadros das duas sacristias.

Na do lado esquerdo da Igreja, na parede à direita de quem entra na sacristia está um quadro com a seguinte inscrição em tinta branca:

Depois dos holandeses terem saqueado esta vila de Igarapé – (é assim se deve escrever e não Iguaraçu, de igara – canoa e açu – grande; exclamação dos caboclos quando avistaram no Engenho-novo junto ao rio, os navios de Duarte Coelho Pereira, que então subiram até aí, não podendo agora subir o rio senão em canoas com maré cheia) – no ano de

1632, tornando a ela no tempo em que estavam povoando Itamaracá a buscar telhas de algumas casas e igrejas para as fábricas, que faziam, indo e destelhar também esta igreja matriz de S. S. Cosme e Damião o não poderem conseguir, por que dos que subiram uns ficaram cegos, outros mortos. Ita Com. Trad. E para memoria se pôs este quadro no ano de 1729, que deu esmola o R. Pe. Manoel de Barros Vale. Foi vigário aqui.

Aparecem os 2 santos juntos no cimo do quadro que representa pintado a óleo sobre pau, como os outros 3, a cena de que fala a inscrição.

A inscrição do outro quadro dessa sacristia, que fica na parede da porta, à esquerda de quem entra, foi copiada por outrem e vai anexa, assim como a do quadro da parede à esquerda de quem na sacristia da esquerda da Igreja, o que tem algumas figuras melhor desenhadas de que todos os vistos até agora em três quadros, copiando eu a do quadro da parede fronteira a quem entra, que é a seguinte, sendo este quadro muito curioso pelo lado topográfico:

Um dos especiais que tem recebido esta freguesia de Igarauçu dos seus Padroeiros S. Cosme e S. Damião, foi o defenderem-a da peste, a que chamamos males, que infestaram a todo Pernambucano e duraram muitos anos, começando no de 1685, e ainda que passaram a Goiana e a outras freguesias adiante, só a toda esta de Igarauçu deixaram intacta, porque bem 2 ou 3 pessoas as trouxeram do Recife; nelas se findaram sem passar a outra, o que tudo é notório. E para memória se pôs este quadro no ano de 1729, e o deu de esmola Manuel Ferreira de Carvalho.

As seguintes povoações estão pintadas sob seus nomes respectivos, nesta colocação:

Goiana	Itamaracá
Olinda	
Recife	

Goiana tem bastantes casas, 2 Igrejas e um Convento, o do Carmo, há uma imagem com grande foice.

Itamaracá não tem poucas casas térreas, e uma de sobrado com 3 janelas, havendo entre esta e uma Igreja à esquerda da casa no quadro alguns coqueiros. Por detrás da Igreja existe arvoredado frondoso. Também se vê uma imagem da morte com grande foice.

Em Olinda as ruas apresentam-se com uma regularidade que não existe, e vê-se, a passagem aberta com arcos laterais que havia dantes sobre o varadouro. Há 4 imagens da morte com grande foice espalhada pela cidade estando uma para dentro da cerca dos Beneditinos, em cujo muro não vi indicada nenhuma fortificação, e mais outra onde se reconhece a Igreja de Sta. Tereza com seus coqueiros na frente.

No Recife há 3 mortes 3 pontos. Do lado esquerdo olhando para o quadro, vê-se uma fortaleza que julgo ser a do Brum, e do direito coqueiros, parecendo estar ainda mais para a direita S. Francisco. No centro, eleva-se uma torre que talvez fosse da Capela do Corpo Santo. No extremo direito, acha-se um edifício com a figura que abaixo vai desenhada, não sabendo se é o palácio antigo ou antes S. Francisco, sendo a Igreja, que chamo acima S. Francisco, o Carmo <sup>088</sup>.

O local parece o do Palácio e o antigo tinha duas torres; mas a cruz sobre o frontão? Vê-se a ponta do Recife, com uma casa em cima, e o Arco do Bom Jesus, com o forte do mesmo nome ou quebra-pratos.

Fui ao Recolhimento das órfãs. Há 24 recolhidas e ensinam mal as primeiras letras e a coser, bordar e fazer flores sofrivelmente.

As obras novas foram feitas por diligência do Capitão Florêncio Xavier de Albuquerque, que é muito estimado, apesar de achá-lo moço para Recolhimento de mulheres. A frente que havia caído foi levantada em 50 dias durante a missão de Frei Caetano de Messina. Carece de regularizar este estabelecimento tornando-o mais útil à sociedade.

Na memória ou apontamentos sobre Igarauçu do ex-juiz municipal Luna <sup>089</sup> Freire se acham mais informações sobre o recolhimento e outras cousas de Igarauçu.

Há no Recolhimento um retrato antigo com esta inscrição em tinta: Retrato próprio do grande servo de Deus Pe. Paulo Teixeira da Companhia de Jesus, da Vila de Igarauçu, no século perfeito pároco, na religião perfeito missionário, o qual floresceu santamente no Colégio do Rio de Janeiro, sendo o primeiro mestre de noviços no nosso noviciado do mesmo colégio, tendo de idade 50 e de religião 24.

Parece bom retrato, e tem um crucifixo na mão esquerda, gesticulando com a direita.

Convento de São Francisco. É grande mas sem vestígios históricos a não serem as palavras e figuras que traçaram nas paredes, ainda se lendo sobre as vergas das portas dos dormitórios 6ª companhia, 7ª os soldados durante a revolução de 1848.

Estragaram também a livreria e um frade a quem falei nada sabe não o seu Jaboação e não tem notícia da segunda

invasão do convento pelos holandeses.

A Misericórdia deverá ser um bom templo mas a capela-mor desabou quase toda, e os ladrilhos de tijolo do chão do corpo da igreja estão arrancados e os ossos espalhados.

Sobre o arco cruzeiro e na face inferior duma espécie de dossel de madeira lê-se: – Obras feitas pelo Provedor João Alz Carv°. Na era de 1776.

Tem uma bonita porta guarnecida de pedra amarela, com 4 colunas pequenas, mas elegantes e torsas duas de cada lado, ainda existindo sobre a porta a coroa sob a qual se distingue claramente o lugar de qualquer outro relevo. Sobre a janela da esquerda de quem olha, lê-se: – Ano; e da direita – 1740.

A antiga casa da Câmara em ruínas é digna de atenção por ter sido a maior da Província; é quadrada tendo no 1º andar 6 janelas da sacada e grades de ferro, em cada um dos 3 lados, havendo do outro 3 de peitoril com varões de ferro, tendo duas portas defronte duma das quais ainda se vêem os restos dos degraus duma escada de pedra cravados na parede, tendo-se quebrado esta cantaria como feito desta ruína pedreira para obras provinciais desde o tempo de Vauthier<sup>090</sup>; do lado oposto e fronteiro à primeira subia outra escada de cantaria. Fora do lado esquerdo de quem olha para o edifício havia um oratório, hoje inteiramente arruinado, para os presos ouvirem missa das grades.

Há 20 anos ou pouco mais ainda servira essa casa.

Vê-se ainda a coroa, frontispício, e o lugar das armas.

A vila não tem futuro e só a estrada de Goiana lhe dará alguma vida. Há uma obra de utilidade para a navegação, que já não é para barcos senão até o porto das Pedrinhas, onde há pouco tempo subiu um vapor, e é um canal que corta pela gamboa Garapé uma ponta que às vezes não se pode dobrar com vento norte; Itapissuma é o verdadeiro porto do termo de Igarapé; e a Companhia Pernambucana tem aí um trapiche.

Fui visitar as aulas. A de meninas, Maria Clementina de Figueiredo, tem 22 matriculadas num caderno. A professora não parece boa, e as meninas não se apresentaram adiantadas. Havia uma livraria de novelas traduzidas, e entre estas uma de Paulo de Cock.

A de meninos é regida por um padre, Manuel Inácio Bezerra do Amaral, que parece bom professor, mostrando os meninos que sempre têm aproveitado. Há 54 matriculados em livro, sendo a freqüência 48.

Gostei de tratar com o tenente-coronel do 10.º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, presidente da Câmara de Igarapé, Hemetério José Veloso da Silveira.

O Juiz Municipal Velez de Guevara é elogiado pelo Carneiro da Cunha (Manuel Joaquim) que diz nem o cortejar; nada ouvi em desabono do promotor da Comarca Manuel Isidro de Miranda que me pareceu vivo, quando lhe falei em Olinda; o delegado tenente do 9º Ribeiro pareceu-me ativo, e estão satisfeitos com ele.

O cemitério do tempo do cólera foi abandonado; mas o Dr. Carneiro da Cunha cede esse terreno por pertencente a Monjope, e detrás do Rosário, e vão restabelecer o enterramento fora da Matriz.

Sai de Igarapé<sup>091</sup> às 5 da tarde chegando às 9 ½ a Itapirema, fazenda da irmã do Boa-Vista, viúva de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque Lacerda, morto no combate de 2 de fevereiro, não me parecendo; mas a filha e o genro, filho do Brigadeiro Almeida.

O caminho tem lugares bem maus principalmente uma ladeira antes da de Taperuçu ou Tapiraçu, que as águas têm lavado toda, sendo o terreno aí duma espécie de tabatinga; e o chão também barrento ou arenoso do alto faz-se bela vista descobrindo-se ao longe Igarapé.

Encontrei bastantes macaibas e jatobás. Também achei mandacarus, sendo portanto a terra pouco fértil na maior parte, havendo contudo o engenho importante de Araripe de Baixo que pertence, como os de Araripe do Meio e de Cima a João Vieira da Cunha<sup>092</sup>, com um belo açude para mover o engenho, indicando-me o Dr. Silvino<sup>093</sup> um espaço onde produz muito bem a mandioca.

Mostraram umas caixas de pau penduradas nas paredes das casas que são cortiços de abelha uruçu, de que tiram mel fazendo da cera rolinhos; as velas que encontrei acesas com luminárias em tais casas são de carnaúba.

Na casa do engenho Itapirema ouvi a um Bezerra Cavalcanti, já de idade, protegido do Camaragibe e irmão do Vigário de Magé, recitar as 58 ou 59 oitavas-rimas dum poemeto em que o Padre pernambucano Lopes Lima, nascido em 1730, conta toda sua vida, desde o nascimento até o bispo do Rio soltá-lo do Aljube onde estava preso, por ter depois de casado contra sua vontade expressa e portanto resultando nulo matrimônio, se ordenado na cidade de Córdoba da Confederação Argentina, hoje, para onde fora depois de ter estado em Buenos Aires fugido de Pernambuco, por causa do casamento a

que o obrigaram por ter desonrado a que ele nega ter conhecido virgem.

Não deixa de ser curioso o poemeto, e a mania do Bezerra é decorar versos de que sabe muitíssimos, metendo-se também fazê-los de pé quebradíssimo.

### **6 de dezembro de 1859**

Saímos de Itapirema pouco depois das 4 da madrugada, e depois de ter andado algum tempo o caminho tornou-se bom até Goiana.

A vista do Engenho Bujari, pertencente ao presidente da Câmara Antônio Francisco Pereira <sup>094</sup>, é muito bela, descortinando-se a grande várzea de Goiana. Apanhei chuva durante talvez duas léguas antes de Goiana, nem sempre forte, e depois de mudar de roupa da viagem fui correr a cidade.

Tem 7 igrejas e a dos Martírios em completa ruína. Fui à da Misericórdia, em cujo frontispício lê-se – Ano 1723, encontrando uma lápide com o seguinte epitáfio – Sepultura de Francisco Afonso Vereia, Insigne Benfeitor desta casa de Misericórdia, 1726. Incendiou-se em 1820, sendo reedificada.

Há junto um hospital com 10 quartos no 1º andar e 10 no térreo, e 7 doentes, 6 homens e 1 mulher. A renda do hospital é de 50\$000; mas a da Igreja de 600\$000 – por ano, gastando-se também com o hospital. Tem capelão, e o escrivão que é boticário fornece os remédios da sua botica fora do hospital.

Visitei a aula de meninos do Barroso <sup>095</sup> com 118 matriculados em livro e freqüência 80 a 90, parecendo-me muito bom professor e distinguindo-se entre os alunos um pardinho de nome José dos Passos Queiroz, que freqüenta as aulas desde 1854.

Depois passei ao Convento do Carmo <sup>096</sup>, defronte do qual há um cruzeiro, que é obra bem-feita e onde o coronel Lobo disse-me que há inscrições – não as vi – ficando o religioso do Carmo de copiá-las com vagar.

O Melo Rego também me disse que se lembrava de ter visto dantes uma águia com duas cabeças sobre a porta do convento de S. Francisco de Igarapu, ficando de examinar esse ponto. Na igreja encontrei uns epitáfios, cujas datas é que me interessaram; sepultura de 1688 de João Paes de Bulhões e sua mulher e filhos, e a de Conv<sup>os</sup>... 1719. Sepultura (que não se lê bem) de 1687. O religioso, um dos 4 que costumam residir neste convento pertencente à Província Carmelitana de Pernambuco, supõe que a fundação do Convento teve lugar há 200 anos.

Os papéis foram todos estragados na revolução de 1848.

Lanço e meio do claustro está em ruína, destelhado, e parte das paredes caídas, o resto foi reparado.

Segui para a aula de meninos do Manoel Rodrigues Machado Lima, com 73 matriculados e 50 de freqüência. Um menino de 2 anos lê apenas mal e outro de mais de dois lê sofrivelmente, e respondendo do mesmo modo em gramática, dividindo bem; o professor parece bom.

Recolhimento da Soledade fundado há 100 anos. Há quarenta mulheres entre todas.

Frei Caetano de Messina reuniu o dinheiro preciso para reconstruir, segundo creio ainda, que disseram fazer um lanço.

Fazem obras de agulhas e flores, de que trago um ramo e rendados.

Tem acomodações e boa cerca.

Seria conveniente empregá-las no ensino, ou estabelecê-lo para meninas, aproveitando o edifício. Recebem 800\$000 por ano da Assembléia Provincial, sua única renda além do que vendem. Pareceram-me muito bestas, sempre de olhos baixos e procurando voltar a cara, principalmente quando se abriu a portaria.

Depois fui à aula de meninas, professora Maria Cavalcanti, com 68 matriculados em livro e 40 a 50 de freqüência. É boa e as meninas estão adiantadas.

Também vi as Igrejas do Rosário dos Pretos mais antiga que a Matriz, e a do Amparo, que terá sido fundada, segundo creio ter ouvido dizer ao Vigário há 178 anos.

A proclamação da Independência teve lugar na Rua Direita, que o é bastante larga, sendo quase todas as casas de Goiana térreas, e a população de 8 a 10 mil almas.

Ao meio-dia fui à Matriz, ao Te Deum, que não esteve mau, pregando mediocrementemente, porém por pouco tempo, um padre do Recife, fulano de tal Grego <sup>097</sup>, de murça de seda preta com uma espécie de crachá à esquerda.

Depois tive beija-mão, apresentando-se o pai do Nunes Machado com 85 anos, havendo um primo do Nunes Machado de talento superior.

De tarde, fui ver a várzea e direção dos braços do rio Capibaribe-Mirim, o Tanquinho e o Massangana, dois lugares donde o povo tira água para beber, e é boa, algum tanto distantes da cidade e em nível muito mais baixo do que essa, sendo a água do Bujari, terreno mais alto, bastante afastada.

A obra que reclama a cidade é a facilidade de navegação que não se faz senão em barcaças e com maré cheia, até a distância talvez dum quarto da cidade. Atribuem isso a uma tapagem no braço principal do Capibaribe-Mirim, que o faz desviar a maior parte de suas águas para o lado do Jacaré, tendo sido essa obra feita, segundo consta, por ordem do Senado da Câmara, para evitar inundações na cidade, mas creio que foi mal pensado e que cumpre desobstruir esse braço do rio, antes do que fazer uma estrada de ferro de 2000 braças, desde Goiana até o rio Japomim, ou aprofundar umas gamboas que vão ter ao Japomim, aproximando-os da cidade por meio dum canal.

Também há o projeto de evitar as voltas e falta d'água do braço que passa perto da cidade, comunicando-o desde o porto até onde podem subir as barcaças com o braço que vai pelo Jacaré.

O presidente da Câmara <sup>098</sup> disse-me que havia oposição ao projeto de desobstrução, porque a maior parte das águas passaria pelo braço perto da cidade, prejudicando o dono do Engenho-Novo, Antônio Alves Vianna, por cujas terras passa o outro braço.

Há muitas intrigas em Goiana e a rivalidade existente entre o João Joaquim <sup>099</sup> e Antônio Francisco Pereira, parecendo-me ambos excelentes pessoas, ainda que tive uma queixa contra o último por causa de terras. Até na recepção influiu a rivalidade, preparando-se para a minha hospedagem a Casa da Câmara e outra maior, sob a influência de João Joaquim, patrono eleitoral do Dr. Aguiar <sup>100</sup>.

Esta casa que preferi, tinha mais cômodos, podendo nela ficar igualmente os criados de honra; mas deviam ter procedido com maior harmonia no oferecimento, tendo ambos os contedores feito parte da Comissão <sup>101</sup>, constando-me que o Pereira não mandou da Casa da Câmara alguns objetos, que estavam aí para meu serviço e pertenciam ao João Joaquim. Ambas as casas estavam muito bem arranjadas.

Mandei convidar ambos para tomar; porém o João Joaquim <sup>102</sup> pouco se demorou. Este parece gozar de mais popularidade e agenciou uma subscrição de mais de 6 contos para o fim que determinasse, devendo ser empregados em renda para o hospital.

Houve de noite carro triunfal com 7 meninas, e bastante povo, e fogo na Rua Direita, em que estão as duas casas preparadas para a hospedagem.

Visitei a cadeia por baixo da Casa da Câmara, que é bom prédio, concluído em 1848, sendo a obra à custa da Câmara. A cadeia no andar térreo é boa, havendo fogões.

Os livros não estão bem lançados, se não é devido a irregularidade das autoridades, e não se faz a visita desde julho, dizendo-me o delegado interino tenente-coronel da Guarda Nacional Melo Gadelha que a não tem feito, porque houve bexigas na prisão e ele ainda não as tivera; parece-me pouco ativo, e portanto zeloso.

O Juiz de Direito Freitas Henriques diz bem do Juiz Municipal Maciel <sup>103</sup>, e também de si de cujo rigor se gaba, tendo sido causa das desavenças com o ex-juiz municipal, hoje de direito Caetano Estelita, obrigando por processo de responsabilidade alguns empregados de justiça e homisiar-se [*sic*] como um escrivão; convém examinar ainda o procedimento dos 2 magistrados; nada ouvi a respeito do promotor Júlio Barbosa de Vasconcelos.

A cidade tem de 6 a 8 mil almas, segundo ouvi; quase todas as casas são térreas.

### **7 de dezembro de 1859**

Sai às 5 horas para a povoação de Tijucupapo <sup>104</sup>, cujo nome disse o tenente-coronel, creio que Joaquim Francisco Cavalcanti Lins, ser tradição provir dum índio que ficou enterrado no Tijuco até o papo; mas ouvi a outrem que queria dizer tijuco grande, e com efeito, há um grande alagadiço próximo.

Tive chuva e às vezes forte durante quase todo o caminho. Indicaram-me logo o local que passa do reduto defendido pelas mulheres, e com efeito a 12 metros de andadura seguida da povoação, cuja capelinha arruinada e enegrecida disseram-me ter mais de 100 anos, encontra-se uma chapada que chamam aqui chan do Engenho Megaó de Cima, de Raposo Antônio Falcão, um valo de 193 passos meus ordinários de circuito, formando a terra escavada parapeito, e tendo nos quatro cantos seu baluarte. Consta que havia dantes escada, e eu trouxe cortado a machado um pedaço de tronco duma sucupira queimada sobre um dos parapeitos.

Para o lado do mar fica a ribanceira do morro, não tendo por isso fortificação por este lado.

No vale e ao pé há um alagadiço onde se têm encontrado restos de instrumentos e algumas moedas pequenas quadradas, recomendando ao ten.-coronel que faça escavações e remeta o que achar e puder obter do já encontrado.

Há outra povoação chamada S. Lourenço de Tijucupapo onde está a matriz a pouco mais de légua da outra, mas não consta que haja vestígios de fortificação senão as que mencionei, e trato de indagar qual é a povoação mais antiga, podendo os habitantes de S. Lourenço ter-se refugiado num reduto a pouco mais de léguas de distância, ainda que ficasse assim um pouco longe do povoado.

No caminho para Tijucupapo vi um arbusto que confundia com as mangabeiras, ainda que tenha aquele – folha maior e mais verde, o qual dá um fruto de que o povo extrai azeite que é bom; chama-se Batiputá.

Fomos embarcar no porto do Buraco, gastando uma hora da casa do sub-delegado de Tijucupapo até ia andando a bomesquipado [sic].

A galeota não pôde chegar à margem do rio Tijucupapo e tive de entrar por ele a cavalo apeando-me para a galeota, que me levou ao “Pirajá”.

Ao meio-dia menos 7 minutos estava defronte da barra de Catuama com a ponta do Seleiro à esquerda, à direita um fortim em ruínas e por detrás o pequeno rio Tapesoca (talvez: Ita-pê-oc – caminho de pedra de picar ou caminho de pedra ou pedras pontiagudas).

Há currais que concorrem para entulhar cada vez mais o canal. Por detrás do fortim entra a gamboa do Carapari.

12 ½. Tomba-las-aguas, lugar onde encontram as duas correntes da maré que circulam a ilha de Itamaracá, entrando à direita o pequeno rio Congo.

1 menos 7, passa o vapor um pouco defronte de Itapissuma (talvez Ita-pissime – pedra lisa), pequena povoação à beira do canal do sul entre a terra firme onde está situado e a ilha. Há aí um trapiche da Companhia Pernambucana, bastantes casas térreas com uma capelinha e numerosos coqueiros; ainda não criaram aí a escola de primeiras letras, mas já se discute na Assembléia Provincial uma lei criando-a.

1 e 20. Sítio dos Marcos na terra firme; daí a pouco salvam o “Belmonte” e “Iguatemi” que estão fundeados defronte de Vila-velha, povoação de Itamaracá, à direita do lugar em que estava abria a gamboa de Garapé.

As crianças do sexo masculino superabundam na terra firme e as do feminino na ilha.

Disseram-me que havia muitos fornos de cal em Maria Farinha na terra firme, ao sul de Itamaracá, assim como diversas salinas na ilha.

A 1 ¾ estava o “Pirajá” aproando para eu desembarcar na ilha onde fiz o de galeota e numa praia toda bordada de coqueiros.

A ilha de Itamaracá tem talvez 3 léguas de comprimento e quase uma na sua maior largura, e 5 engenhos segundo o Almanaque deste ano.

Vila-Velha, que é agora uma triste povoação, está no ponto mais alto da ilha, subindo-se por íngreme ladeira. A matriz está aí, mas o vigário Fortunato J. de Souza e o coadjutor Ignacio Bezerra de Menezes moram no Pilar a 2 ½ léguas de distância, e o povo logo mesmo, na presença do vigário representou-me que não tinham vigário, morrendo muitos sem os sacramentos e não tendo missa.

Na parede do fundo da capela do Sacramento da parte da rua lê-se 1766.

Há uma casa inteiramente arruinada que foi cadeia e apenas existem restos da Misericórdia, e os alicerces da igreja de Santo Antônio.

A ilha terá 9700 almas segundo ouvi ao vigário que se regulava pelos fogos.

A aula de meninos tem 39 matriculados em livro, e 28 a 30 freqüentam habitualmente. Um menino de 7 anos de aula lê sofrivelmente, apenas sabe analisar gramaticalmente e não logicamente; o professor não parece bom.

Às 5 e tanto fui ao Forte do Orange gastando até ¾ de hora, mas descendo a ladeira de Vila-Velha a pé, tendo atravessar em galeota uma gamboa, cuja ponte não restabeleceram, porque há outro caminho pelo interior da ilha, posto que maior para o Pilar, e seguindo depois a cavalo.

Está bem situado no pontal da barra à esquerda de quem sai, tem a cruz e armas portuguesas sobre o portão. À direita de quem entra há frestas no muro do corredor que dão para um espaço em que há 3 arcos sobre os quais parece que devia crescer obra que nunca se fez. Todas as obras da fortaleza são de pedras grandes, exceto algumas muito poucas e nada importante de tijolo. Há um poço no meio do recinto da fortaleza onde se lê: ... mandou fazer à sua custa esta cisterna... de Veiga Cabral Gdo. esta capitania 1676.

Tem capelinha com seu capelão, cujo filho seduziu uma moça que veio queixar-se de que ele não queria consentir no casamento que o rapaz lhe prometera apesar da existência dum neto; 1 cabo, 2 soldados e o comandante.

A esplanada não foi toda feita, e a fortaleza é um quadrado com seu baluarte em cada canto. Todas as peças estão desmontadas ou quase desmontadas. A fortaleza está quase colocada na direção dos 4 pontos cardeais. No ângulo N E vê-se no mar um resto de recife artificial.

Segui para o Pilar por uma longa praia batida, tendo antes atravessado areia solta onde vi um arbusto baixo chamado Gajiru, que dá fruto sem pedúnculo como a jabuticaba. Há muitos coqueiros pela praia pouco afastados do mar.

A povoação do Pilar foi crescendo por causa da passagem das barcas costeiras que aí tocam e tem bastantes casas. Cheguei já noite fechada, mas com bela lua porque fui até a mangueira plantada no lugar da célebre mangueira jasmim, a que se liga a lenda amorosa de Maria e de Ivo, chamado o redivivo sobre o que Soares d’Azevedo, do Ginásio, fez uma poesia que ficou de dar-me. Não é tão bonita como outras que a cercam, e se encontram sendo o caminho pouco fácil; mas aprazível principalmente no palmar que se atravessa antes de chegar a uma capelinha.

Colhi algumas folhas de mangueira, às 6  $\frac{3}{4}$  aumentando o luar as saudades que o lugar me despertou.

Também me prendeu melancolicamente o aspecto da lua entre os coqueiros por que se passa ao chegar ao Pilar, que também é cercado de coqueiros.

Estava de volta em Vila-Velha às 8 menos 5, mas também o meu cavalo na praia batica [sic] andava desequipado que punha todos os outros cavalos de galope largo.

A gente de Itamaracá é preguiçosa e refratária a todo serviço, vivendo numa certa independência das autoridades, segundo ouvi, e o batalhão da G. N. que já teve 300 praças no tempo que o comandava o tenente-coronel Lobo, chefe do Estado Maior da G. N. de Olinda, está hoje desorganizado, existindo no município organizados 2 outros, o de Olinda que é o que tem algumas armas, e o de Igarapu, comandante superior J. Cavalcanti d’Albuquerque, cunhado do Silvino e seu patrono eleitoral contra o Dr. Manoel Joaquim Carneiro da Cunha <sup>105</sup>, que é homem de muito mais préstimo e de excelente caráter.

### **8 de dezembro de 1859**

O “Pirajá” <sup>106</sup>, em que saí de Itamaracá vindo por dentro do recife, encalhou defronte do Forte do Pau-Amarelo, lugar em que desembarcaram os holandeses em 1630, e tive de passar para o “Iguatemi” <sup>107</sup>, continuando a viagem por fora do recife.

Avistei a igreja de Maranguape e pouco antes de chegar à altura de Olinda que é muito bonita do mar, enjoei sofrivelmente, vindo incomodado até passar o Forte do Picão.

Ao meio-dia fui ouvir missa no Espírito Santo e de tarde dei o passeio de Madalena, Remédios e Afogados.

### **9 de dezembro de 1859**

Fui às 6, ver os quartéis de Cavalaria e da Polícia. O primeiro é muito acanhado e mal situado, perto dum mangue e tão baixo, que três compartimentos não servem por causa da umidade. A escrituração pareceu-me regular. Queixa-se dos fornecimentos do Arsenal, como nos outros quartéis de linha, e os antigos selins, os novos são bons, estragaram os cavalos. Estes bebem mal, esperando o capitão Castro Araújo desacostumá-los, o que não crê o Comandante da Polícia que ele consiga. Um calceta que serve no quartel queixou-se de que lhe davam de comer nem a diária, vivendo do que pode obter para comer. O xadrez não tem forro e já um preso tentou fugir por cima da parede divisória. Não tem água, recebendo-a dum escaler, nem iluminação a gás. Os gêneros pareceram-me bons menos o feijão que não é preto; o café vem torrado do fornecedor.

Cada ração de arroba e meia de capim, que come o cavalo por dia, custa 400 réis, e o resto da alimentação ainda por mais de 300 réis.

As baias não são boas, e a madeira cobrindo os canos de escôo há de conservar sempre sujidade. A maior parte dos cavalos estava com mataduras dos antigos selins.

Quartel da Polícia <sup>108</sup>. Mal acomodado pela estreiteza, e pessimamente situado para o fim a que é destinado, porque facilmente se encurralam os soldados. As companhias estão bem arranjadas, ainda que as armas se apresentem pouco limpas internamente, sendo todas de espoleta. Tarimbas fixas, tendo o comandante pedido, há mais de ano, 200 camas de ferro ao Arsenal de que só mandaram 50 que aliás não vi servindo, não havendo senão poucas praças no quartel por

causa dos destacamentos.

Escrituração em ordem; mas sei porque chega a ter 12 contos em cofre, não sendo preciso naturalmente tanto dinheiro para os adiantamentos que se tomarem; hoje tem 5 contos e tanto.

O quartel tem uma parte bastante arruinada. Não tem água dentro nem iluminação; o despejo faz-se em cubos de madeira. Não tem rancho, as praças existentes empregam a etapa como querem.

Antes de ir a este quartel, estive no Hospital dos Lázaros, fundado em 1789 por Tomás José de Melo, cujo retrato aí se acha. Tem 22 homens e 11 mulheres. Tem capelinha bonita. A casa carece de consertos. Tem espaço para construir, mas os doentes criam galinhas. Os gêneros pareceram-me bons, à exceção da manteiga francesa, como nos quartéis, que estava rançosa, sendo a comida dada aos doentes por postigo, o que me parece não dever ter lugar. Tem cacimbas para água de serviço mas não tem encanamento para água potável. Não tem ração de chá nem de café; bebem ao almoço água quente com leite. Não me parece que vi bem este estabelecimento.

Às 11 e tanto da manhã, fui assistir à distribuição dos prêmios <sup>109</sup>, e gostei mais deste estabelecimento que do da Bahia. Ouvi o 1º premiado do 1º ano Virgílio Augusto de Moraes, que me admirou pelas suas respostas prontas e quase sempre exatas. O regedor padre Joaquim Rafael da Silva parece ser excelente, e gostei de ver o modo por que procedeu durante a minha visita, e daí sua livraria.

Os professores <sup>110</sup>, julgo-os bons, assim como o de matemáticas elementares, o de grego, e o de língua e literatura nacional. O de francês não é como seria necessário; o de inglês, que tanto desejava ouvir, por causa da questão teológica com o Feitosa, não se achava presente, e o Brunet ainda sabe mal a língua, pronunciando às vezes de modo a provocar riso. O de alemão mal pôde mesmo, por falar muito baixo, deixar-se apreciar, não me parecendo todavia, bom, os outros não os ouvi nem pude aquilatar.

Um dos meninos premiados leu um discurso gratulatório em latim que me pareceu puro; obra do mestre <sup>111</sup> segundo me disse o regedor <sup>112</sup>.

A casa é muito acanhada apenas cabendo 40 e tendo tido este ano 38 e agora 32 depois dos exames e férias. As camas têm tapagens de pano nelas mesmas, que não deixam ver umas de outras; mas os lençóis estavam sujos; quanto ao resto tudo me pareceu bem asseado.

No andar térreo está a coleção de História Natural arranjada pelo Brunet; agradou-me, porém hei de ir vê-la com vagar uma tarde, assim como examinar se parte não deveria ter sido remetida para o museu do Rio pelo Brunet, que recebeu dinheiro do governo geral para explorações científicas pelo interior de algumas das Províncias do Norte, e nada ou pouco remeteu.

De tarde perto das 6 fui à fábrica de sabão, no aterro dos Afogados, de Rostron Rooke e Companhia. Não encontrei ninguém que me pudesse dar informações como desejava e apenas posso dizer que há 3 caldeiras para fazer sabão, 2 cada uma de 25 toneladas e 1 pequena, levando cada caldeira grande 22 barricas de sebo, 5 de azeite de dendê, dentro 40 e 60 de breu, e 12.000 libras de barrilha de carbonato de soda – o de potassa torna o sabão mole – depois de dissolvida na água com um pouco de cal. A massa é remexida por meio duma chapa de ferro estreita de forma helicoidal, e vai depois por uma calha para os resfriadores, sendo o movimento impresso por uma máquina de vapor de 6 cavalos. Havia 500 barricas de barrilha. Tem iluminação a gás. Fazem-se as caixas na fábrica, e os paus de sabão são moles e têm muito cheiro de terebintina, cor amarelo escuro. Esperam poder fazer sabonetes dentro de 6 semanas. Abriram uma vala até dentro da fábrica para condução do que lhes é preciso. Trabalha das 6 às 6, com 6 trabalhadores livres, 5 nacionais e 1 português, e 6 escravos. Disseram-me que havia mais 5 fábricas de sabão na cidade e 1 nos Afogados; mas creio que a mais considerável é a que visitei.

### **10 de dezembro de 1859**

Cabo é vila pequena de 2.000 almas quando muito, tendo só duas casas de sobrado que eu visse. Possui 4 igrejas, sendo a Matriz sofrível, onde fui logo assistindo ao Te Deum e sermão do cônego Lino do Monte-Carmelo, pregador imperial, que foi infeliz na visão que figurou ter da fama que lhe vinha falar a meu respeito; esperava mais dele pela fama que tinha.

Numa colina para o sul da vila há umas ruínas duma casa de taipa, que deitaram abaixo há 2 anos e conheciam pela casa do holandês, lembrando-se de ela já existir em 1790; a taipa era muito bem feita.

Há pequenas olarias no município, e no Engenho Barbalho monta-se uma grande com máquina, movida por animais, para fazer tijolo.

Há boa água por detrás do Rosário, e bebe-se também e não é má do Pirapama, navegável com maré por barcaças até o Engenho Velho, do Lourenço de Sá e Albuquerque <sup>113</sup>, 2 ¼ léguas da barra das Jangadas, havendo cachoeiras daí para cima.

Existe pedra calcária no Município, mas as ruas não estão calçadas, tendo o sido algumas de Igaracu, antigamente, por modo a durar ainda o calçamento.

Visitei a aula de meninos; não estava nenhum presente por se acharem em férias, sendo 24 matriculados dos quais faltam muitos à aula, não constando por atestado de médico se foram ou não vacinados ou já tiveram bexigas.

O professor Claudino dos Santos Lopes Castelo Branco é do 1º grau e tem 20 anos de magistério; mas não me pareceu bom, quando pude julgá-lo, por isso que sempre apareceu um menino que leu sofrivelmente, estando há um ano na aula tendo freqüentado outras antes, e um pardo logo me representou mesmo na presença do professor contra o procedimento dele recusando a admissão de alunos. Como o pardo falasse um pouco forte, disse que não era este o modo de representar, e que escrevesse a sua queixa; mas ela ainda não apareceu e creio que houve alguma transação, contudo trato de informar-me por intermédio do presidente da província.

Não há professora pública de meninas, e a particular que gozava de melhor conceito retirou-se.

Não se fez na cadeia a divisão de que fala o relatório do Sérgio, para haver lugar para a enfermaria, e os livros estão muito insuficientemente escriturados, não existindo o do termo de visitas, que me disseram não se fazem regularmente como obrigação.

Existem 13 presos e 2 presas. O destacamento é de 23 policiais. O delegado retirou-se, na véspera, doente para o Recife e não havia quem o substituísse por ora.

Durante o cólera houve cemitério, mas agora enterram nas igrejas, menos na matriz.

No município só há organizado um batalhão com 1.000 praças mas não tem armas; os oficiais já se acham todos nomeados.

O Juiz de Direito Rego Dantas passa por probo, mas é estúpido; o Juiz Municipal Felisbino Vasconcelos parece inteligente bem como o promotor José Silvano Hermógenes de Vasconcelos.

Tive de voltar até a estação da Ilha para tomar para Serinhãem, passando a noite de hoje no Engenho Mercês de Manuel José da Costa <sup>114</sup>, filho do negociante Bento José da Costa a cujos filhos consta-me que muito ganhou no jogo o Ten. Cel. Lobo, que também facilmente gastou o que ganhou, ficando aqueles quase pobres, passando a propriedade do Engenho Mercês ao Manuel José da Costa do sogro Joaquim Cândido Gomes, que casou a filha com a condição do genro não vir à cidade do Recife.

A estrada que ainda não está terminada e foi feita por arrematação, tendo-se encampado alguns dos contratos perdoando a Assembléa Provincial não só a multa como a diferença de preço da obra ulteriormente feita sobre a do contrato, e a diferença do valor entre as quotas recebidas pelos arrematantes, e a obra feita, que importava em mais está mal conservada lançando-se as plantas tiradas da estrada nas valetas onde já crescem outras.

Há uma obra importante que é o corte no Engenho Serraria, cujo contrato tenta-se encampar. Este engenho foi legado ao filho do Nabuco <sup>115</sup>, por uma viúva tia de Paulino Pires Falcão, irmão do ten.-cel. Camilo, por cujo belo Engenho Massangana passei já quase escuro.

Nesta viagem passei ao lado das terras do Engenho Algodoais que foi do Morgado do Cabo <sup>116</sup>.

O engenho de Mercês, perto do qual o dono deu uma queda do cavalo por causa do atropelo dos mais cavaleiros que eram muitos e todos queriam aproximar-se de mim, obrigando o do Manuel da Costa a cair num pequeno barranco, tendo-se o cavaleiro pisado um pouco o quadril.

É muito bem situado na várzea do Ipojuca, que é navegável por barcaças independentemente da maré até o engenho Trapiche, acima da fazenda Guerra do ten.-cel. Camilo Pires Falcão.

Tem boa casa de vivenda com capela ao lado; 135 escravos; máquina de 5 cavalos de baixa pressão, cujo combustível é o bagaço, gastando-se lenha na fôrnalha das taxas, fazendo 5 mil pães ou 20.000 arrobas por ano, e sendo bom o açúcar da segunda barreação [sic], levando a purgar em 30 dias em fornos de barro, que se fazem no engenho onde há boa argila. Tem estufas para quando não há sol.

Este Engenho passa por um dos melhores da Província, o que prova o atraso do fabrico.

### **11 e 12 de dezembro de 1859**

Ouvi missa às 5 horas da manhã do dia 11, dita por um frade do Convento do Ipojuca, que me consta estar em ruínas, perdendo-se assim tão bom edifício nas mãos inúteis dos frades, partindo às 5 ½.

Subi a um morro donde se avista o Cabo; mas apenas julguei ver o Convento de Nazaré, sendo mais bela a vista do lado da várzea onde está o Engenho Mercês; tendo tomado o caminho depois de descido o morro às 6 horas. Tive que retomar a estrada de que desviei-me para ir ao Engenho Mercês.

Passei pelos Engenhos Guerra, Salgado, Boassica, Pindobinha, Genipapo, Sibiró Cavalcanti, e Anjo do Coronel de Milícias Drumond, irmão de Antônio de Menezes, que possui mais 5 de muitas terras e boas; bastando olhar para o terreno que se atravessa para reconhecer a fertilidade desta parte da Província.

O Genipapo ora pertencente à viúva do Albuquerque Maranhão, irmão e sogra do Boa Vista, é célebre no assassinato, que teve lugar durante a presidência deste, do dono Antônio Francisco, que acusaram de ter morto um Cavalcanti. Os parentes do assassinado reuniram-se com seus capangas em número de 300, sendo capataz o atual tenente-coronel dos 42 do município do Rio Formoso, Gaspar Cavalcanti de Albuquerque Uchôa, que se me apresentou sempre de casaca, apesar de lhe fazer notar a sua falta, desculpando-se ele com não estarem fardados alguns oficiais do batalhão, que tem alistados 800 e tantas praças não sabendo o número exato, a cuja testa de todos os oficiais se devera apresentar então fardado – e acometeram o engenho não tendo valido ao Antônio Francisco fugido para o telhado da casa durante o cerco, porque aí mesmo o mataram, atirando o cadáver do telhado abaixo e cortando-lhe as orelhas.

A mulher de Antônio Francisco, vendo que queriam matar o marido, recorreu ao delegado de Rio Formoso, Pedro Rates, atual empregado da Alfândega, prometendo por parte do marido entregar-se, contanto que não o matassem, o que afiçou o delegado, não se cumprindo aliás sua palavra.

Uma força que o presidente mandou sob o comando de Miguel Afonso Ferreira, pôs-se a almoçar em Mercês e quando chegou a Genipapo, estava o homem morto e os criminosos fugidos, pondo-se pedra em cima do negócio até hoje; já dei as ordens que reclamam semelhante atentado.

O engenho Anho é célebre por causa da fugida do capitão do palhote negreiro de Serinhãem.

A estrada de certo ponto para diante é antes trilho, e por causa da ponte da estrada real sobre Serinhãem, estar se consertando por contrato com o Millet, tive tomando por um desvio de atravessar numa ponte no Engenho Anjo, o rio Serinhãem, navegável por barcaças conduzindo 15 caixas de açúcar cada uma de 40 a 60 arrobas e independentemente de maré até porto de Camaragibe pouco acima da vila, e com maré carregando 10 caixas até porto de Pedras 4 léguas da vila, contando-se desta à barra 3.

Cheguei a Serinhãem às 8 e 22 minutos. A vila é muito menor que a do Cabo, mas está melhor situada do que aquela, a qual todavia goza do alto, em que se acha, da vista duma bonita várzea e tem as igrejas: da Matriz (N. S. do Livramento) reparada em 1840; a Matriz em ruínas (N. S. da Conceição, segundo me disse o Vigário), o Rosário dos Pretos, que se está cobrindo de novo, São Francisco e São Roque.

O Convento de S. Francisco está muito bem situado e é grande.

Do lado do E. tem belíssima vista, descobrindo-se o mar e a ponte de Sernambi assim como a ilha de Santo Aleixo como a casa do inglês Dabney, e não muito longe da base da montanha o rio que forma um lindo S, cuja península quando bem plantada há de aformosear muito a paisagem, já havendo aí suas [courelas?] regularmente plantadas.

A cerca do Convento só tem pés de mandioca, que tem encontrado em abundância por essas várzeas do Ipojuca e Serinhãem.

A capelinha de São Roque está edificada sobre uma rocha granítica para o sul da vila, havendo na base da parede direita da capelinha um lagrimal saindo duma pequena cavidade no granito, que só seca nos grandes verões, escorrendo agora. Consta que no lugar da capelinha houve um forte holandês.

A aula de meninos, que é a única, do 1.º grau tem 64 matriculados, e sendo a frequência de 40 a 46. Fizeram exames 5 e um dos aprovados com distinção, tem na sua escrita em pedir em lugar de impedir. Nenhum estava presente; mas o professor Antônio Vieira de Barros não me pareceu bom.

Havia 3 homens e 1 mulher na cadeia. Cozinham na prisão; as prisões não são ladrilhadas, têm tarimbas fixas e pouca luz. Não tem havido visitas e portanto não existe o livro de termo delas, assim como o de óbitos.

Só agora é que declaram, incompletamente, os sinais dos presos, assim como, desde abril de 1857, segundo declarou o Juiz Municipal, ainda que não o visse o estado do processo, enfim este serviço é muito mal-feito, sendo aliás muito ativo o delegado capitão José Ângelo de Moraes Rego.

O Juiz Municipal agora servindo de Juiz de Direito no impedimento do Paes Barreto, Gervásio Campelo Pires Ferreira <sup>117</sup>, parece-me muito severo cumpridor dos seus deveres, tendo feito muitas prisões de criminosos quando delegado, e só notei que hesitasse em referir-me, mostrando-se a princípio ignorante, mas não ao Almeida Pereira, as circunstâncias do assassinato do Genipapo, aliás sucedido quando ele ainda estava no Curso Jurídico; desculpou-se com a presença de certas pessoas quando lhe perguntara. Deu-me algumas notas sobre Serinhãem e Rio Formoso que junto a este diário.

O comandante superior do município Paulo de Albuquerque Salgado não sabe o número de praças alistadas no seu município, e como ao depois observarei melhor, a Guarda Nacional parece-me achar-se em mau estado nesta Província quanto à sua organização, apesar da gente ser muito propícia para a vida militar.

Soube que o vigário Demétrio Jacome de Araújo era acusado de desvio de dinheiro por ocasião do cólera-morbus.

Saí de Serinhãem à 5  $\frac{1}{4}$  da tarde. Passei logo pelo Engenho de Água-Fria com o açude; e pouco depois povoado de Santo Amaro com sua capela e uma rua de casas térreas.

O terreno torna-se montuoso e não me parece tão fértil.

À noitinha passei pelo Engenho Goicana com um grande açude, e boa, e elegante casa de vivenda do Dr. Sebastião Lins <sup>118</sup>; as colinas e no cimo dalgumas neste lugar há visgueiros, árvore cujos ramos abre como chapéu de sol, parecendo-me a que assim se chama na Corte.

Cheguei ao Rio Formoso atravessando um aterrado sobre um mangue, que em maré cheia impedia o trânsito a cavalo antes de se fazer essa obra nos fins da presidência do Boa-Vista, às 7, sendo o caminho em grande parte um trilho mau em alguns lugares.

Antes de chegar ao aterrado, passei por umas massas de granito destacado perto dum alambique ou destilação como aqui chamam, que me pareceram mais curiosas com o escuro do que depois que as vi de tarde; contudo são grandes e não vi donde fossem arrastadas pelas forças da natureza.

Rio Formoso há poucos anos era um engenho, e ainda existe a casa da proprietária D. Francisca <sup>119</sup>, chamada do rio Formoso, espécie de potentada [sic] do interior, à direita da casa onde me hospedei no largo do mercado, e no lugar duma fileira de casas térreas fronteiras era a casa de purgar do engenho. Todos pagam foro, creio que a um filho de d. Francisca, tenente-coronel da G. N., e na razão de 2 patacas por ano de palmo corrente, cobrando ordinariamente 500\$000 mensais.

A causa da prosperidade da povoação, que aliás não é considerável como se verá da nota que junto dada pelo Juiz Municipal Gervásio, é a navegação do rio, que seria melhor aproveitada, mas com a decadência talvez do Rio Formoso, e estabelecimento duma florescente povoação na várzea de Tamandaré, de cujo excelente porto falarei depois, se desembarcando e embarcando aí os gêneros, seguissem estes por trilhos de ferro até Ariquindá, afluente do Rio Formoso, e depois por aquele a este até onde fosse navegável, havendo da cidade de Rio Formoso até a foz do Ariquindá 2 léguas, e desta até os trilhos já estabelecidos na extensão de 800 braças até o trapiche de Tamandaré, outras 2 léguas.

Barreiros também distrai o comércio do Rio Formoso, e o rio Una navegável com maré como o Rio Formoso, passa pelo mais bonito da Província, sendo que me parece a mais importante sobretudo depois de feita a estrada de ferro até Água-Preta.

A cidade tem só duas igrejas; a matriz, que foi capela do engenho, e a do Rosário num alto donde se goza de boa vista, tanto quanto permitem as colinas elevadas que cercam a cidade. Há um olho d'água de beber muito boa, perto; mas o proprietário do Engenho Sequeira põe agora embaraços à tirada d'água, tendo eu já recomendado este negócio ao Presidente.

A cadeia é uma casa onde há duas grandes gaiolas de pau para os presos, estando os livros como em Serinhãem, senão piores. O delegado é o Capitão Alexandre, que passa por ativo. O destacamento é de 7 soldados, 1 cabo e 1 sargento. A Casa da Câmara é pequena, mas tinham-na arranjado de novo.

Fui às aulas. Na de meninos, há 66 matriculados e freqüência 40 e 52.

O menino mais adiantado, segundo me disse o professor, o qual entrou para esta aula no dia 1º de março deste ano, tendo estado na aula do método repentino, que já acabou, dum Manuel Simões, lê bem assim como divide e escreve mas não sabe conjugar os verbos; outro entrado a 9 de agosto de 1852 e que já tinha freqüentado antes a aula do método repentino, lê sofrivelmente; divide com um só algarismo porém muito mal, e mal sabe os verbos auxiliares; contudo talvez

se deva atribuir, o ter dado má conta de si ao incômodo que já tivesse e por fim o obrigou a vomitar quando foi se assentar no seu lugar, donde saiu carregado para o interior da casa.

Não sabem quase nada de doutrina cristã. O professor Antônio dos Santos Vital pareceu-me sofrível.

Na de meninas há 51 matriculadas e frequência 40 e tantas. Uma menina que está na escola há 3 anos e foi apresentada como a mais adiantada, lê bem assim como divide; porém nada sabe de gramática, e outra completando 3 anos de aula lê menos bem que a primeira, nada sabe de gramática e atrapalhou-se na divisão, cujo método empregado na escola é sujeito a enganos de quem não estiver com bastante atenção.

Uma terceira menina de mais de 4 anos de aula lê sem tropeçar; mas não se importando com as vírgulas; nada sabe de gramática e dividiu bem.

Sobre doutrina a 3ª menina, que parece talentosa, respondeu bem, mas a professora, Maria Isabel Lins, creio que pouco sabe dessa matéria, e parece-me medíocre.

A escrita da 1ª menina é sofrível, assim como a da 2ª, sendo a da 3ª pior.

O cemitério está muito perto da povoação, e daqui a pouco achar-se-á dentro dela, o terreno não é mau para o enterramento. O matadouro acha-se além do rio; é apenas um telheiro sobre pilares, e matam-se aos sábados 16 bois termo médio, e às 3as guardando-se a carne para outros dias da semana, como já me haviam dito em Serinhãem, onde matam aos sábados 5 a 6 bois; o gado já vai faltando com o verão.

O batalhão 44 tem 800 praças alistadas, e apesar do comandante, o ten.-cel. José Luiz de Caldas Lins <sup>120</sup>, ter recebido a lista de qualificação há 3 meses, ainda não está organizado, sucedendo o mesmo ao 43 de Serinhãem com 800 e tantas praças alistadas, e cujo comandante, tenente coronel Coriolano Veloso da Silveira <sup>121</sup>, recebeu a lista de qualificação há 3 anos, e todos os oficiais dos batalhões já estão nomeados!

De tarde fui ao alto da fazenda Machado – hoje dum Laurentino, perto da cidade, donde se vê a barra do Rio Formoso com o célebre reduto com o qual me divisei, de Salvador Albuquerque, à direita de quem sai, e à esquerda a igreja de N. S. de Guadalupe, mostrando-me a direção do rio ou gamboa e do canal, que reúnem os rios Formoso e Serinhãem.

A casa de vivenda está embaixo desse alto, mas goza-se quase que da mesma vista do terraço em frente da casa. Do alto não se descobre, para o lado oposto do mar, toda a cidade, que segundo já disse está entre colinas elevadas, não tendo o rio pelo que pude apreciar nada de formoso, e sendo o local muito quente, ao menos durante as duas noites que dormi nessa cidade.

Nas duas noites passou por defronte da casa onde me hospedei um batalhão patriótico de bandeira e música, tocando 2 ou 3 vezes o hino e dando vivas depois de parado defronte da casa.

Tive uma queixa contra o juiz municipal Francisco de Caldas Lins <sup>122</sup>, que o juiz Gervásio não desabona, não me agradando contudo a sua fisionomia e parecendo-me acanhado.

O promotor Aires de Albuquerque Gama <sup>123</sup>, filho do visconde de Goiana <sup>124</sup>, é inteligente, mas pouco ativo segundo ouvi ao Gervásio.

Há muitas intrigas nesta localidade e 2 partidos, sendo o chefe dos conservadores o Ten. Cel. José Antônio Lopes <sup>125</sup>, presidente da Câmara e comandante da artilharia, que é o único corpo que tem armas, e o Vigário Antônio Marques de Castilho, e escrivão do júri Antônio Pinheiro da Palma, da gente do Feitosa, sendo estes acusados de contrariar os festejos públicos, espalhando que eu vinha libertar os cativos e recrutar, querendo o vigário negar o pátio à Câmara, e aquele tendo sofrido um processo por causa duma morte, como vi de uns autos que me trouxe entre outros provando abusos, o escrivão Palma, e tendo uma sentença do juiz municipal Teodoro Machado Pereira Silva, que declarou que ele apenas pode ser considerado como aconselhando a morte por palavras proferidas. Este processo como outros não tem tido andamento, e cumpre examinar melhor o que há a esse respeito.

O Lopes foi o que dirigiu os arranjos da minha recepção à testa duma comissão, sendo a casa dum português, inquilino dum irmão do Desembargador Santiago. A casa é de sobrado com sótão, as duas próximas também são de sobrado.

O deputado Augusto de Oliveira <sup>126</sup> acompanhou nesta digressão desde a estação da Ilha; mas não foi por querer apresentar-se candidato pelo círculo do Rio Formoso, de que é Deputado o Sá Albuquerque, de que 2 irmãos me acompanharam sendo um deles o Lourenço, como a princípio desconfiei; talvez se quisesse dar importância acompanhando-me sempre com vistas eleitorais; numa conversa disse: quando eu ver.

Disseram-me que o aparelho de porcelana de chá que usei servira por ocasião de meu batizado a meu pai que o dera ao visconde de Goiana.

No Rio Formoso a recepção pareceu-me menos entusiasmada que em outros lugares, ainda antes do que me disseram do vigário e escrívão.

### **13 de dezembro de 1859**

Parti às 5 para Tamandaré, seguindo o caminho do Brejo por melhor, apesar de ser mais longo que o da Perereca.

Passei pelo Engenho Mambucaba que tem boa casa de vivenda e capela, pelo do Brejo, e perto do Tamandaré por Água-Comprida, bem posto nome a esse trilho por dentro d'água.

O caminho do Rio Formoso a Tamandaré é sofrível.

A Fortaleza está numa várzea grande de relva circulada de coqueiros à beira mar. É muito menor que a de Orange. Tem 4 baluartes, estando o de N. E. já caído em 1790 como consta do registro da fortaleza onde se lê que desde então pediam seu conserto; o de S. E. também caiu, e o do N O acha-se muito arruinado, sendo o mais conservado o de S O que é o único que tem a guarita. Tem 21 peças todas desmontadas, e um obus desmontado com armas portuguesas, por cima de outras com 5 flores de lis na parte esquerda do escudo, e uma torre na direita, coroada por uma cruz, e sobre o escudo um capacete de viseira caída sobreposta por torre meitada com cruz no alto.

Há uma capelinha com tribuna para a família do comandante, mas já sem assoalho.

O corredor da entrada da fortaleza tem frestas laterais como no forte de Orange. Há um sobrado sobre a cortina por cima do portão interrompendo essa linha do forte. O fosso está meio entupido, apenas se percebe a contra-escarpa, e vêem-se restos da banquetta do fosso.

Vi 3 peças curiosas: uma com um leão em pé coroadado, e de espada na mão direita, enfeixando 7 setas na esquerda, e a data de 1621, e por baixo – Concordia res parvae crescunt. À roda do pomo lia-se: Coenret Wecewaert me fecit Hagae; perto outro com uma cifra tendo em cima uma coroa com cruz no cimo; o 3º veio do Forte do Buraco com esta cifra e por cima do pomo 1353, tendo por baixo à roda daquele: Niclaes Sickmaens me fecit. Há outra peça holandesa como a primeira; mas tendo dos lados do ouvido ao alto dois pequenos ferros furados.

Depois de visitar estas ruínas, fui pelo leito do trilho de ferro, cujos rails são cravejados do tipo em longuias de pau, até o porto de embarque no canal que vai ao Araquindá, na extensão de 800 braças; quase que não é freqüentado e arruína-se. Daí voltei para tomar por um caminho que me levou à margem do Arequindá que parece fundo, e não é estreito.

Depois percorri a estrada provisória de Tamandaré e Una contratada com o Millet <sup>127</sup> dum modo ilusório para ambas partes, ou antes para a Província, não sendo a estrada de mais vantagem senão para a Companhia Pernambucana, que aliás pouco lucra com o porto de Tamandaré, por não querer melhorar o modo de embarque e desembarque dos gêneros. O contrato obriga o Millet a fazer a estrada em 24 meses conservando-a durante esse prazo; mas ela está com bastante mato em muitos lugares, e há uma ponte para além da qual passei que até custa a passar a pé, também contratou-se a construção por 5\$000 a braça corrente, entrando toda a despesa necessária para a passagem na estrada, ainda que há muitos trechos facilimos como o 1º lanço que é plano e todo areia solta em que abriu as valetas da estrada, não havendo condição nenhuma a respeito da natureza do terreno.

Também na estrada do norte, perto de Igarçu para o lado do Recife, a estrada vai por areia solta, e só obrigação para o empreiteiro Mamede de barrear 20 palmos de largura da estrada, devendo ela ser de 30; este contrato pela falta de cuidado com que foi feito, parecendo-me visto a qualidade do terreno muito 35\$000 por braça corrente, pode ser lesivo a qualquer das partes contratantes.

A repartição das obras públicas está mal montada, não podendo haver fiscalização em tantos pontos com tão pouca gente e pouco fará o diretor interino Melo Rego, que é inteligente e mostra-se ativo.

Almocei no trapiche da Companhia Pernambucana de que o Millet parece ser a alma, e às 11 embarquei. O porto tem muito fundo até perto da praia sendo abrigado pelos recifes, um dos quais forma um perfeito poço por onde se entra por duas passagens, sondando-se dentro 2 braças.

A viagem não foi incômoda porque conservei-me na varanda do vapor “Amazonas” <sup>128</sup> deitado, por causa do enjôo que não veio, numa cama armada sobre baús.

A ilha de Santo Aleixo estava toda embandeirada e atirou foguetes – segundo me disseram, porque precisava de sono.

Vi bem o Cabo e o Convento de Nazaré no alto, e fortaleza na base da montanha, sendo o terreno argiloso, apresentando as barreiras um pouco ao norte o aspecto de edifícios.

Desembarquei atrás do Palácio, pela volta das 6 ½.

#### **14 de dezembro de 1859**

Fui às 11, à refinaria de Barros Barreto <sup>129</sup> no Monteiro. O edifício é pequeno; mas está bem aproveitado, e só está a 1 légua da cidade, a condução é pelo Capiberibe que passa pelos fundos da fábrica.

Dissolve o açúcar bruto na água misturada com o mel que extrai das escumas prensadas de que falarei adiante, em duas caldeiras de 50 canadas cada uma e que são aquecidas por vapor. As escumas passam por uma prensa de pano, e o sedimento ainda que misturado com areia aproveita-se para estrume, que é muito forte. Depois o mel passa por coadores de pano donde se tira para os filtros, que são 3, tornando-se necessário limpá-los depois de cada um deles terem passado 400 canadas. Leva sangue de boi sem se extrair primeiramente a fibrina, e vai para a caldeira do vácuo de 50 canadas, onde a cozedura de ½ até 1 hora, que é o mais ordinário, e daí para as formas de ferro cada uma de 2 canadas ou 20 libras de açúcar onde purga pelo processo de saturação – botando água com mel – no que gasta de 6 a 8 dias. O mel saído das formas ainda se coze até 3 vezes usando então do centrífugo, que leva 10 minutos a girar, quando o grão de açúcar é resistente, para purgá-lo.

Faz 100 arrobas por dia, vendendo agora a libra por 11 vinténs quando dantes estava a 4 a 5 mil tantos réis a arroba.

A fábrica vende tudo o que faz e seu maquinismo trabalha por água, com a força agora de 8 cavalos por carecer a roda de reparo, que é de 12, ou quando esta falta por vapor, havendo duas máquinas, cada uma de força de 25 cavalos.

Prepara o carvão animal, fazendo 3 fornadas por semana ou o necessário para encher os 3 filtros cada um de 90 arrobas.

A fábrica trabalha desde 1855, tendo encontrado grandes embaraços, mormente na falta de braços, tendo 16 trabalhadores todos livres.

Possui 1 forja e um pequeno forno para fundir bronze.

O Barros Barreto, que tem o curso da Escola Central de Paris e parece-me entendido nestes estudos, mostrando-se inteirado dos progressos da química industrial, disse-me que as obras da fundição Starr não prestavam, e o Bowman era muito careiro; mandou-a vir as peças principais da Europa, e faz e conserta o que pode na fábrica. É a única refinaria da Província, segundo ouvi ao Barros Barreto, e querendo ele fundar uma fábrica central de açúcar para separar, como convém, o fabrico da cultura, nada pôde levar adiante apesar de procurar o auxílio dos parentes.

À tarde fui ao gabinete de história natural arranjado pelo Brunet no Ginásio e depois de o examinar com atenção, tendo observado peixes fósseis em incrustações calcárias muito curiosas apanhadas nos sertões do Norte do Brasil, creio que na serra de Araripe, e um quadrúpede entre o macaco e os carneiros chamado no rótulo – Kincajû paraná – que só se encontra no sertão desta província, informei-me do resultado das explorações do Brunet dizendo-me ele que da 1ª vez fora só encarregado de explorar pontos próprios da Paraíba, e da segunda da coleção das diversas terras, que chegando ao Recife o Presidente Taques mandou deitar no aterro do cais por detrás do Palácio, não lhe abonando as despesas de condução; ficou de levar-me e eu verei a exatidão do que ele me referiu.

#### **15 de dezembro de 1859**

Sai às 6 ½. Forte do Brum. Serve de prisão. Daí é que fugiu o Ten. Cel. Pedro Eustáquio Veloso da Silveira, achando-se preso o comandante da Fortaleza naquele tempo o Couceiro, que o ajudante da fortaleza Jorge Rodrigues Cidreira procura desculpa com a maneira por que foi remetido o preso, que na verdade não teve recomendação como outros, assim como vi dos papéis da fortaleza para ser guardado com cuidado.

Há prisões no vão da muralhas que tem pouco ar. Tem 14 praças de guarnição, que se deitam em camas de ferro com tábuas. Não há água potável dentro da fortaleza, existindo aliás chafariz perto. Um preso queixou-se que apesar da diária de 375 réis só lhe dêem almoço e jantar, quando no Rio também recebem ceia com a mesma quantia, também disse que o pão do almoço é de 4 onças; mas parece ser de 5, conforme afirma o comandante.

Possui uma capelinha de São João Batista, onde se vê uma tábua com a nota da concessão de 40 dias de indulgência feita pelo Bispo D. Francisco Xavier Aranha, e confirmada em 21 de agosto de 1776, e depois por Diogo de Jesus Jardim

em 12 de agosto de 1787, a quem rezar de joelhos 3 Padres-Nossos e 3 Aves-Maria à imagem do santo. Há bastante ex-votos.

Há 41 peças montadas e 6 desmontadas das quais uma com um navio e por baixo deste uma cifra, tendo inferiormente a data de 1628, e à roda do pomo: Worter Bothet...

Diversas peças têm as armas portuguesas, e o nome de Joseph I.

Na cortina de E há uma peça com a seguinte inscrição: Franciscus Ballestero Inventor 1623; outra com a cifra como a holandesa de Tamandaré e data de 1629; outra como a desmontada, e ainda duas com os mesmos sinais, à roda do pomo: Kylianus 1629; há um obus com o nome: Josephus I.

Sobre o portão lê-se: ...Coutinho Almortaser Mor do Reino. Ano de 1690.

A cortina pelo lado de O nunca teve peças. Há 200 passos contados pelo ajudante da fortaleza da extremidade E da banquetta do fosso do lado do S até os alicerces em quadro por detrás da igreja do Pilar (vide apontamentos sobre as fortalezas que junto).

Depois fui à fortaleza do Buraco. Sobre o portão onde apenas se vê a coroa, e o lugar das armas, pode-se afinal ler: Divo Antônio nuncu patum. Sceptra. tenente Petro. Lusorum. et. corda. Secundo. Cui. Meritis. primo. nemo. secundus erit. Cuicunque. aut portum portamre. recludere tentes. In. caput. ipse tuum bella. cruenta moves. Anno e partu virginis 1705 – Foi copiado pelo Sapucaí.

Segundo o comandante coronel Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa <sup>130</sup> é fortificação mais regular que a do Brum e assim parece, tem 4 baluartes, um em cada ângulo das extremidades, formando as cortinas porta entre aquelas.

Tem 14 praças do 4.º que não recebem rancho do corpo; mas a etapa; o que os obriga a procurar comida e cozinhar na fortaleza, o que é mau, principalmente havendo pólvora depositada na fortaleza. Não possui água potável e como está um pouco distante da cidade, recebe-a embarcada.

Cortina do O. – é a do lado do Beberibe e do portão – sem peças; no baluarte de N. O outra com a mesma cifra daquela; porém no meio dum escudo ladeado de duas sereias, tendo em cima um estandarte, peça com chucharra [sic] e outras palamentas e uma espingarda que parece segurada pela sereia da esquerda das armas; no meio do cano há uma tarja que o circula com instrumentos de guerra, e a data é de 1629; outra com armas espanholas e esta inscrição: D. Phelippe II Rey de España; outra com o nome de D. José I e à roda do pomo: Ciprianus Crems (Ians 7:9) Am Stelo dami Aº 1757; outra com armas da Espanha e o nome de Don Felipe IV; outra com navio e cifra como a primeira mencionada e esta inscrição à roda do pomo: Asseverus Koster me fecit Amstiredami 1628; outra com cifra como a antecedente, e por cima um Z com cercadura de folhas e frutos e embaixo Midelburg, tendo em torno do pomo: Michael Burgerhrys me F. 1629; no baluarte do S. E. outra com a inscrição; Res parvae etc. e armas como a de Tamandaré, lendo-se à roda do pomo: Willen Wegewaert me fecit Hagae 1633; outra como a de Tamandaré em tudo; e outra de D. Felipe IV.

O sobrado antigo sobre a cortina de O. caiu há 30 anos. O quartel dos soldados é de tarimbas.

Antes de chegar à Fortaleza do Buraco, vi a Cruz do Patrão e a casa da pólvora e laboratório de guerra, a qual não tem uma sentinela, sendo as janelas de vidraça quase sem nenhum vidro, e portas de pau por dentro. A Cruz do Patrão parece antiga, e apenas tem as iniciais – I N R I (Jesus Nazareus etc.).

A respeito do Forte das Salinas, veja-se a nota que junto. O de Alternar parece ter sido edificado sobre um teso que se vê à direita do lado istmo, indo pela estrada de Olinda, pouco além do quartel de Cavalaria; o da Bateria achar-se-ia com efeito perto da Capelinha de Sto. Amaro no istmo de Olinda, e o do Sequó talvez estivesse no lugar onde se acham restos de edificação, fundos duma casa da Rua da Aurora, pouco abaixo do Palácio. Pouco sabem aqui a tal respeito, e o tempo não me permitiu colher mais.

De tarde fui ver a obra do Ginásio Provincial em que já se gastaram 157 contos, não havendo trabalho e materiais, segundo um cálculo que fiz com o Melo Rego, à vista das plantas e do que observei na obra; e contando largo, senão para 90 contos; parece-me escandaloso.

Depois visitei a Fortaleza das 5 Pontas, que a Companhia não quis comprar por ter achado terreno mais barato, e nada achei digno de menção. Não tem nenhuma peça. Há bastantes acomodações e uma capela.

Está aí aquartelado o 4.º Batalhão da G. N., e algumas companhias acham-se apertadas, tendo-se dado à música um bom alojamento, que julgo maior do que o necessário; isto mesmo disse ao comandante do corpo.

É preciso cuidar de evitar algum incêndio no assoalho das companhias por causa da maneira por que às vezes os guardas, como vi, colocam as candeias.

De noite fui ao Teatro Apolo da rua do mesmo nome. Sala alta demais com dimensões que não são muito menores que as do Teatro Santa Isabel. A companhia representou sofrivelmente o drama – A duquesa de La Vabouliere. Há um foyer espaçoso para onde olha uma varanda na 3ª ordem, o qual ficava por detrás da minha tribuna.

Não sei se a companhia é particular ou sustentada por uma sociedade.

### **16 de dezembro de 1859**

Descansei.

### **17 de dezembro de 1859**

Fui assistir ao casamento de 6 raparigas <sup>131</sup>, começo como creio da obra de caridade, que um capuchinho tomou a peito promover.

A Igreja não é feia, ainda que feita sem gosto, no que não se parece com a Piedade na Bahia. Tem boas obras de marcenaria, como o frontal de diversas madeiras de embutido, e os armários da sacristia, feitos por um leigo, que tem 80 e tantos anos; mas que não julgo as houvesse trabalhado de poucos anos.

Os primeiros capuchinhos vieram para esta Igreja que era dos Pescadores, trazendo então a imagem de N. Sra. da Penha em 1656.

Em 1701 vieram capuchinhos franceses. Em 1710 houve o primeiro prefeito Fr. Damião de Nápoles. De 1831 a 1841 não houve capuchinhos e o convento ficou abandonado, e de 6 quadros a óleo só encontraram podendo ainda guardar-se um São Francisco, que não é pintura má, segundo me pareceu.

Há a seguinte inscrição embutida na parede à direita da entrada da Igreja: Na era de 1734. Aos 7 de março. O III S. D. F. José Fialho Bispo de Pernambuco. Sagrou Esta. Igreja de N. Sra. da Penha. Pondo no altar Mor as reliquias dos S.S. M.M. Honorato, Valentino e Inocência. E concedeu 50 dias de indulgência. A quem visitar. a dita Igreja. No seu aniversário.

Na Igreja há pregada na parede uma roda, que gira com 22 campainhas; mas felizmente não a fizeram andar.

### **18 de dezembro de 1859**

Partida para Sto. Antão às 5 ¼. Tomamos à direita da Matriz dos Afogados, havendo uma capelinha nesta rua. Engenho Jiquiá de Manuel Cavalcanti; Barros, pequeno povoado; Engenho Peres do proprietário já mencionado tendo a fábrica bonita aparência; engenho Cavaleiro de Casado Lima, de quem ainda falei neste diário; Tejipió com ponte sobre o pequeno, capela e poucas casas; Jaboatão com boa ponte sobre o rio do mesmo nome, povoado maior, matriz num alto, armaram arcos e estava reunida a Guarda Nacional; Igreja do Socorro – sobre uma colina – de que existem só as paredes, constando ter sido construída em consequência dum voto; o local é bonito; Engenho Velho à esquerda, de Je. Francisco da Silva Pereira; do mesmo lado entrada para a Escada, atravessando logo o rio Jaboatão, sobre uma ponte que me pareceu boa de longe; Catende de Antônio Francisco Pereira da Silva, com Igreja do Engenho deste nome, sobre uma colina em posição pitoresca e Morenos de Antônio de Sousa Leão <sup>132</sup>, primo do deputado Domingos de Sousa Leão <sup>133</sup>, onde pousamos.

A estrada foi empedrada há 4 e 6 anos, durando o empedramento nas estradas da província 10 e 11 anos, indo renovar-se agora uma de 14.

Este engenho já existia no tempo dos holandeses pertencente a Baltazar Gonçalves Moreno, dizendo-se que umas muras do açude, obra importante cujas ruínas só existem foram construídas pelos holandeses; mas o Sousa-Leão não crê isto. Faz 6 a 7 mil pães de 3 ½ arrobas por ano, e destilou na safra passada 140 pipas de aguardente, tendo 100 trabalhadores; 60 de campo; 3 ternos de tachas; moendas horizontais por água – de cavilhote, isto é, movendo um pouco por cima a água, quando é por baixo chama-se engenho rasteiro, e bem por cima copeiro – podendo também ser movido por animais.

Purga com barro e água, durando a operação até 15 dias, ficando o açúcar menos claro que o do Engenho Mercês. Uso da cal em lugar da decoada, parecendo que foi a visita do Marquês de Abrantes a Pernambuco que trouxe este melhoramento, ou ao menos espalhou; pois o concunhado do Lourenço de Sá e Albuquerque, João Marinho de Sousa Leão, adotou o melhoramento por conselho do Abrantes, parecendo agricultor inteligente; e o pai do sobrinho do Paes Barreto, que morreu do tiro atirado sobre este último.

O pai do moço está ainda muito triste e a mãe e filhas não apareceram ainda, tendo ele o feito então pela primeira. Queixam-se os parentes do assassinado e do que escapará de sê-lo, do Boa-Vista como protetor ou ao menos pouco interessado na punição dos criminosos, entre os quais o que deverá casar-se com a moça, Francisco do Rego Barros Barreto, sobrinho da Boa-Vista, o qual aliás me parece muito bom moço e um oficial do corpo policial de nome Victor; o cavalo em que fugiu o assassino julga-se por certos indícios, ainda que leves, ter pertencido ao Barros Barreto.

As formas de barro, mas creio que adotará as de ferro segundo me disse. Tem máquinas de cortar os olhos das canas que comem os cavalos, e 12 arados de sistemas diversos. Vi a cana imperial cujos gomos são rajados de verde, é da ilha de Bourbon e dá mais açúcar cristalizável ainda que seja mais dura que a outra. A água vem do rio Jaboatão, cujas águas passam por saudáveis, não havendo sessões nas suas margens, por meio duma levada de meia légua por onde há navegação de barcos até os partidos. A cana carece de ser replantada depois de 3 anos, quando no Engenho Mercês há partidos de 11 a 12 anos.

Às 5 da tarde, seguimos viagem. O terreno torna-se mais dobrado e há subidas e descidas ásperas, parecendo-me o centro da estrada abaulado demais, estando as valetas quase que entupidas com terra e com plantas. Engenho Tapera, à esquerda, dum Sousa-Leão; Engenho Queimado de Cristovam Cavalcanti; à direita; Tametá-mirim, riacho com ponte e casas; Engenho Bento-Velho, à direita, e riacho do mesmo nome com ponte. Itapacorá com uma ponte assaz grande e que me pareceu em bom estado sobre o rio do mesmo nome, não se achando do mesmo modo algumas pequenas, e um povoado.

Pouco depois chegamos à Vitória (antigamente Sto. Antão) já noite, e fomos para a Casa da Câmara <sup>134</sup>, que é térrea e tinha poucas acomodações.

Tem 3 mil almas segundo ouvi do Juiz Municipal, cujos apontamentos junto, tendo-me estas e principalmente o discurso que os precedem feito perder parte do conceito que logo formei da inteligência do moço, dizendo-me depois que o promotor fulano de tal Paraguassu <sup>135</sup> delegado literário, é mais inteligente, ainda que ficasse antes um pouco desanimado ao ouvir-lhe que o júri se descasêa [sic], às vezes é antes por ignorância do que por bonhomia [sic] criminosa.

O Juiz Municipal Buarque Nazaré <sup>136</sup> foi o encarregado de trazer dinheiro da Bahia para os rebeldes em Pernambuco.

O Juiz de Direito José Felipe de Sousa-Leão <sup>137</sup> que também me deu apontamentos não tem cara inteligente, mas passa por bom magistrado; é irmão do dono de Morenos. O júri tem-se reunido regularmente em St. Antão e na Escada, mas não é justiceiro em suas decisões.

A cidade tem comércio de fazendas em pequena escala, e o principal gênero de tráfico é o gado, havendo, às 6<sup>as</sup> feiras, de 1000 a 2000 reses; fornece quase todo o de que precisa a companhia das carnes verdes do Recife.

Há 3 igrejas, Matriz, Rosário e Livramento; porém nenhuma concluída.

Um grupo quando eu entrava dizia que a matriz deu 4 estalos neste dia; mas segundo o exame que se fez reconheceu-se que fora no coro, que se acha em mau estado.

Ainda enterram num cemitério junto à matriz; mas há outro fora da cidade.

### **19 de dezembro de 1859**

As 5 ½ fui ver o lugar segundo as indicações do Castrioto comparadas às informações que colhi, parece ter sido o monte das Tabocas, célebre na guerra com os holandeses.

Caminha-se para E um pouco para o N.

Uma porteira que deixaram fechar-se por si junto ao Engenho Conceição, bateu no Sapucaí e atirou-o no chão, mas apesar de não poder [sic] apesar de se ter levantado e andado, seguiu na exploração, voltou bom para casa e a queda não é de cuidado.

Passei por um lugar Marapicu, e depois de caminhar talvez 2 horas cheguei ao Monte chamado das Tabocas, onde apenas se descobrem longe estas plantas, e não pude apesar de percorrê-lo avistar ao S. uma planície que tivesse ½ milha.

Continuando para o lado do Oiteirão há uma planície, assim chamada em relação aos montes, que tem mais de ½ milha, e eu creio que foi aí a batalha, tendo achado tabocas aos lados do caminho, ainda que o Oiteirão, como o nome indica, não se possa chamar monte, e o denominado das Tabocas mais para o S e O possa parecer-se com o que figuraram no quadro da casa da Câmara de Igarauçu e se tinham encontrado na vizinhança balas de artilharia e fuzilaria de que trago algumas, apanhadas por um português Manuel Ferreira, que tem um sítio na baixa, e mesmo um pedaço de canhão, que

está agora no Engenho Cacimbas de José Silvino Cavalcanti; contudo parece que têm andado por aí tropas nos tempos modernos e o Castrioto só fala de armas de fogo quando narra a batalha, apesar de mencionar os canhões naquelas em que eles jogaram.

Mais para o N e E fica o Outeiro de Pedro.

Voltando à cidade fui às aulas. O delegado literário disse-me logo, que no princípio do ano, havia reclamado de livros e mobília precisos para as aulas, mas que só se expedira ordem para aquisição da mobília; e depois informou-me de que nenhum dos professores satisfaz, o que já tinha conhecido, sobretudo a respeito da mestra.

Aula de meninos: 67 matriculados, freqüência de 40 a 50.

O 1.º ouvido lê sofrivelmente, dizendo o mestre que já sabe regra de juros, contudo nada respondeu sobre frações. Não sabe o que é a prova real da divisão, e tem quase 5 anos de aula. O 2.º matriculado a 3 de outubro de 1859, já tinha estado na aula particular dum fulano Maciel; lê mal; apenas começa a gramática, e divide bem, mas sem certeza do que é a prova real da divisão ainda que a tire. Respondeu mal sobre doutrina.

Aula de meninas: 18 matriculadas, freqüência de 12 a 14. A 1ª ouvida tem 3 anos de aula, e lê tropeçando, sendo a única – das presentes ainda creio eu – que divide, porém mal. A 2ª lê mal, e apenas diminui. A letra – a que vi – é melhor que a que vi em outra aula. A professora estava atrapalhada por vergonha ou ignorância, e as meninas responderam tão baixo sobre doutrina que apenas as ouvi; contudo pouco sabem assim como a professora.

O Juiz Municipal que me acompanhou às Tabocas, de Castrioto debaixo do braço, disse-me que o Calabar era das margens do São Francisco já província da Bahia.

Há bexigas na povoação, sendo muito doentia, tendo morrido aqui de cólera 1440 e tantas pessoas. A Junta de Higiene chegou a aconselhar que se abandonasse a cidade e se botasse abaixo as casas.

O Tibertino <sup>138</sup>, secretário da Câmara Municipal, professor jubilado de latim, e outrora chefe dos guaribus, cuja história desde 1817, sendo ele filho do Rio de Contas, é quase um romance apresentado muita atividade e vivacidade, apesar de mais de 60 anos, segundo penso, prestou então muito bons serviços como delegado de policia.

Segundo o Vigário, a freguesia tem 20.000 almas, e morreram 4.000 de cólera. Tive péssimas informações do Vigário, que já seduziu no confessional uma noiva com quem vivia amancebado daí a dias, não sendo este o único escândalo; é preciso falar ao bispo.

O Te Deum e sermão do padre Grego <sup>139</sup> foi ao meio-dia, e entre a Guarda Nacional, de que havia alguns armados com armas despachadas do Recife, havia um parque de peças de pau com bombas dentro e estopim, servidas por crianças uniformizadas, sendo muito engraçado o tamborzinho, que tocava desesperadamente apesar de aleijadinho duma mão.

Houve muito entusiasmo, e o povo passa por muito dócil.

De noite houve um fogo pequeno, mas bonito, e veio um batalhão denominado dos bravos da Bateria, uniformizados sob o comando do Tibertino, que leu um soneto de pé quebrado assim como mais duas poesias de igual mérito. O porta-bandeira era um homem vestido de caboclo com suíças e bigodes pretos pintados. Chamavam-se bravos da Bateria em comemoração da batalha das Tabocas, de cujo suposto monte não muito afastado há o Engenho da Bateria. Esses bravos creio que eram uns que atiravam tiros de espingardas por detrás das peças fingidas dum fortim de papelão, que levantaram no largo da Matriz, plano do Tibertino, que parece ter sido o organizador dos artilheiros pigmeus.

Projetam um açude para dar água à cidade, e já há autorização para o Presidente despender com esta obra de urgente necessidade para a saúde e vida desta gente.

A prisão é úmida, e o livro da cadeia carece de regularidade.

## **20 de dezembro de 1859**

Saimos às 6.

Às 8 menos 10 passamos por Morenos, e às 8 e ¼ cheguei à casa de vivenda do engenho Catende <sup>140</sup>. Não mói agora, de ser necessário de carregá-las com pau e corda.

O engenho é copeiro.

Este engenho, o engenho Velho antigo que estava em terras contíguas às do atual pertencente à mesma família, Morenos e Bulhões são os mais antigos do município, e tem restos de açudes dos tempos de holandeses, havendo a respeito do segundo documentos com data de 1624, segundo ouvi ao José Francisco Pereira da Silva <sup>141</sup>, que achou num muro do seu engenho Conceição em Ipojuca, uma moeda quadrada com effigie e inscrição e que botara fora por inútil.

A Igreja do Catende tem mais de um século e foi há poucos anos reedificada pelo proprietário.

O engenho é do primitivo, sendo o caldo levantado em cubos de cobre para deitar-se nas tachas, esfriando em outras fundas. A fornalha é só para lenha, tendo-se destruído todo o mato próximo, que vinha quase até a casa.

O dono <sup>142</sup> é pouco entendido e mesmo esquisito, respondendo ao irmão que é inteligente, que quer trabalho que valha e portanto pesado, mandando vir à casa a lenha cortada para as cercas, que devem ser feitas perto do lugar de cortar, e ordenando que lhe dêem parte da chegada de qualquer carro de cana, ajuntando-se às vezes uns poucos parados à espera que o dono do engenho acorde.

Não gosta da cana imperial porque é fina, e apesar de ter 1 légua em quadro de terra e esta boa pouco a aproveita.

Tem 30 e tantos a 40 escravos.

O pobre homem quando foi encontrar-me caiu do cavalo e machucou bastante a perna, o que obrigou a despedir-se de mim coxeando e com um pé descalço.

Segui às 4 da tarde e pouco antes de Tegipiô tomei à esquerda para o N afim de ver o Gargantão que se estende para E.

Passei pelos Engenhos Jangadinha e Cavaleiro, gastando até o Gargantão, que pertence a este engenho, caminhando depressa 25 minutos. Existem vestígios de alicerces, pedras de casas, fragmentos, na fralda e cimo duma colina, que olha para o propriamente e bem chamado Gargantão, onde há 2 muralhas arruinadas de açude, que me disseram estarem dantes cheias de terra, e as quais referem ter sido do açude do engenho de João Fernandes Vieira, no Tegipiô, havendo uma fortificação no alto da colina. A tradição diz que se estabelecera neste lugar o Arraial-Novo, mas também ouvi que os restos das casas na colina eram das senzalas do engenho; todavia não se pode firmar uma opinião sobre os conhecimentos arqueológicos desta gente.

Na volta à estrada, subi perto da Capela de Tegipiô, que foi feita com pedras das ruínas do Gargantão!

Chegamos à cidade pela volta das 7, tendo eu levado desde a separação do carro até tornar a encontrá-lo para cá do Peres 45 minutos, também logo que ganhei a estrada real galopei largo.

## **21 de dezembro de 1859**

Saí pouco depois das 5 da manhã. Cheguei ao cabo às 6 e 10; largou a cavahada às 6 ½, chegamos à Escada às 9.

Pouco adiante do Engenho Timboassu há trabalhos importantes no leito da estrada de ferro porque é preciso abrir uma cova muito alta sendo parte em pedra; o engenho dista 1 ½ da Escada.

Há uma parte da estrada que bordeja matas bonitas em maior quantidade à beira da de Sto. Antão, sobretudo de Morenos para frente. A vila está bem colocada sobre uma colina, perto da margem esquerda do Ipojuca que nasce da serra de Tacará, cordilheira de Cimbres, contra-vertente do rio Paraíba.

A freguesia tem 20.000 almas segundo me disse o Vigário que tem bom nome.

Há muitas bexigas tendo morrido 20 de setembro para cá, observando em muitos com sinais ainda recentes.

2 batalhões cada um de 1.000 e tantas praças alinhadas, não estando o Comandante Superior contente com nenhum dos comandantes dos Batalhões Barros e Manuel Gonçalves Pereira Lima, sobrinho do Olinda o qual passou nesta ocasião o comando a um capitão que também passou a outro. Pede ajudantes para exercitá-los. As armas com que se apresentaram parte dos 250 guardas que estiveram na forma, com jaquetas e calças de pano do uniforme, vieram de Santo Antão, depois de lá servirem.

O Lins <sup>143</sup> parece um excelente velho sempre contente e serviçal, e os filhos <sup>144</sup> também me pareceram bons rapazes.

Também me falou na vantagem de um esquadrão de cavalaria para nele servirem certos guardas que não o querem fazer nos batalhões.

A vila tem 300 fogos conforme disse o vigário.

A água que se bebe é de cacimba e fica muito boa guardada alguns dias.

O Te Deum foi cantado pelo irmão de José Bento <sup>145</sup> que me admira pelo modo por que leu a oração quase que dando silabadas, e lendo postu latus em lugar de “postulata”, o que devia saber não faz sentido.

Houve um sermão ruim dum pregador <sup>146</sup> cujo nome não sei.

Há dias um senhor de engenho tentou assassinar outro e esta manhã roubaram o ten.-cel. Sales enquanto estava ausente do engenho; o delegado não foi fazer as pesquisas necessárias, e advertindo-o eu disso, respondeu que julgava que em qualquer ocasião se podia fazer.

O cemitério em que se enterra mais fica entre a matriz e a aula de meninos, que é a única. Há outro fora da povoação, criado no tempo do cólera, mas sem caminho para comodamente chegar lá, e cheio de mato. Vão cuidar de aproveitá-lo deixando de enterrar no outro.

A aula de meninos tem 82 matriculados e freq. 50 e tantos. Dos mais adiantados – talvez dos presentes – o 1º que está há um ano e tanto na aula sob direção do professor atual, lê mal, nada sabe de gramática, divide por um método muito sujeito a enganos, gastando muito tempo, e não sabe o que é a prova real da divisão. O 2º lê melhor e apenas principia a gramática, freqüentando há um ano esta aula que é a primeira em que estuda; divide sem muita certeza do que faz levando muito tempo, e não sabendo o que é a prova real da divisão; contudo parece menino talentoso.

Estão muito atrasados em doutrina, e o professor só depois que o adverti é que se lembrou de que perguntara mal quantas naturezas há em Deus. Este professor não pode servir pois vejo do livro de matrícula que tem má letra e ortografia. As escritas dos meninos estavam em casa destes, segundo me disse o professor.

A cadeia é gaiola no sistema da de Rio Formoso; mas os livros acham-se em melhor ordem do que os que vi nas outras povoações; há termos de visita até setembro do ano passado se bem me lembro, e livro de óbitos.

A casa da Câmara é térrea e foi onde me hospedei.

Vi um irmão do dr. Peixoto (Igaraçu), homem já idoso e que exerce a medicina em virtude de diploma da antiga escola ou das antigas leis. Parece bom homem e presta-se a socorrer com sua arte os bexigentos pobres que se achavam um pouco ao desamparo. Ele disse que a botica era boa. Há aqui outro médico. Havia outro irmão do Peixoto – pai do engenheiro Pedro de Alcântara dos Guimarães Peixoto das Obras Provinciais – o qual morreu há pouco. O tio disse que julgava ser o sobrinho afillhado de meu Pai e assim parece pelo nome.

### **22 de dezembro de 1859**

Saí às 3 da madrugada e cheguei ao Cabo às 7, pois vim devagar até amanhecer, e também quis apreciar o estado de certas obras da estrada de ferro em relação ao que observara 1º de dezembro.

Do Pavão até Gamboa já se acham prontos os trilhos definitivos, e as obras de Timbo-assu, que Peniston diz estarem prontas até fins de janeiro, e outros aterros que não vi no dia 1º, progrediram (informação do Street).

A casa de Cutrim já chega quase ao túnel, e daqui a dias estará todo aberto assim como feito o grande aterro aquém desse ponto. O túnel do Pavão não tem progredido; mas o Street espera que a estrada dê trânsito a passageiros e antes a cargas até 1.º de julho.

Às 8 cheguei à casa e às 11, fui para o concurso que não foi brilhante, dando eu a preferência ao Dr. Amaranto <sup>147</sup>. O Pinto Pessoa <sup>148</sup> vê-se que pode estudar; mas não muito por causa não só do estado intelectual da sua cabeça, como mesmo físico, carecendo de fechar os olhos para se lembrar, e esquecendo muito as [sic].

Havia pouca gente na faculdade; o que prova pouca curiosidade literária; é verdade que estamos em férias.

Às 5 houve corridas <sup>149</sup>, e às 9 ½ fui para o baile <sup>150</sup>, tencionando ajuntar os jornais que descreverem estas duas festas. Poucos cavalos e alguns destes bons nas corridas, e muita gente no baile, cuja casa estava preparada.

### **23 de dezembro de 1859**

As 11 e tanto, fui à inauguração do Asilo <sup>151</sup>, cuja sala o bispo benzeu. A sala é grande e tem camas em todo o seu comprimento dum a outro lado. Havia pouca gente.

São quase 2; acabo de instalar o Instituto Pernambucano de Agricultura <sup>152</sup>. Reuniu-se mais gente que na Bahia; como veremos quanto dinheiro se reúne. Vou para o cortejo da despedida <sup>153</sup>.